

**Colaboração e Criatividade no 1º CEB**

**Estudo de Caso na Escola Básica Fernando José dos Santos**

**Catarina Isabel da Conceição Carvalho**

**Trabalho de Projeto de Mestrado em Ciências Musicais**

**Área de Especialização em Etnomusicologia**

**Setembro, 2016**

**Colaboração e Criatividade no 1º CEB**

**Estudo de Caso na Escola Básica Fernando José dos Santos**

**Catarina Isabel da Conceição Carvalho**

**Trabalho de Projeto de Mestrado em Ciências Musicais**

**Área de Especialização em Etnomusicologia**

**Setembro, 2016**

## Resumo

O trabalho de projeto de mestrado que aqui se apresenta refere a simbiose entre as Expressões Artísticas, a criatividade, a colaboração e o currículo e decorre de um exemplo concreto com o projeto piloto “*Estórias de ontem... Histórias de hoje*” que considero ser um exemplo de como as Expressões Artísticas são exequíveis e fundamentais no currículo do 1º CEB. Consiste na descrição das atividades desenvolvidas com toda a comunidade escolar, docentes, alunos, encarregados de educação e agentes externos da Escola Básica Fernando José dos Santos, no concelho de Cascais, no âmbito de um projeto piloto denominado “*Estórias de ontem...Histórias de hoje*”. É uma reflexão sobre o contributo das Expressões Artísticas em geral e da música em particular, na formação criativa, colaborativa, social e cultural da criança no 1º CEB e sobre os aspetos positivos e os constrangimentos que a implementação de um projeto desta natureza implica na organização estrutural de uma escola. Por outro lado, interpreta a rede colaborativa criada em contexto escolar com o desenvolvimento do projeto, trespassando muros e barreiras culturais, fazendo uma ponte entre a escola e o meio cultural que a rodeia. O estudo de caso faz uma abordagem metodológica que relaciona a efetivação das Expressões Artísticas no currículo e, através delas, o potenciar do desenvolvimento criativo e colaborativo das crianças na sociedade cultural envolvente. Deste estudo emerge a necessidade de validar, nas práticas efetivas, a consecução das Expressões Artísticas que impulsionem o desenvolvimento da criatividade, da colaboração e do crescimento integral dos alunos.

**Palavras-chave:** Expressões Artísticas; Criatividade; Colaboração; Currículo; Educação.

## Abstract

The Master's project work presented here concerns the symbiosis between artistic expressions, creativity, collaboration and curriculum and stems from a concrete example showed on the pilot project "*Stories of yesterday ... today Stories*" which I consider to be an example of how artistic expressions are feasible and essential in the 1st grade curriculum. It consists on the description of the activities with the entire school community, teachers, students, parents and external agents at 1<sup>st</sup> grade School Fernando José dos Santos, in the municipality of Cascais, as part of the pilot project called "*Stories of Yesterday ... Today's Stories* ". It is a reflection on the role of Artistic Expressions in

general and music in particular, in creative, collaborative, social and cultural education of children in 1st grade as well as, the positive aspects and constraints that the implementation of a project of this nature implies in the structural organization of school. On the other hand, interprets the collaborative network set up in school with the development of the project, piercing walls and cultural barriers, making a bridge between the school and the cultural environment that surrounds it. The case study is a methodological approach that relates the effectiveness of Artistic Expressions in the curriculum and, through them, to enhance the creative and collaborative development of children in the surrounding cultural society. With this case study we seek to prove the need to validate, in actual practice, the achievement of Artistic Expressions that encourage the development of creativity, collaboration and integral growth of the students.

**Keywords:** Artistic Expressions; Creativity; Collaboration; Curriculum; Education.

## **Agradecimentos**

Às crianças da Escola Básica Fernando José dos Santos.

Às docentes e técnicos do projeto, meus parceiros nesta aventura.

Aos pais, aos encarregados de educação e às pessoas exteriores à escola que acreditaram no projeto e que em troca de sorrisos e simples agradecimentos, se disponibilizaram para participar connosco.

A todos os que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a concretização deste projeto.

E aos meus Pais, por estarem sempre lá.

## Índice

|   |    |
|---|----|
| Imagens.....  | 6  |
| Abreviaturas.....   | 8  |
| <b>Introdução</b> .....   | 9  |
| Motivação para a conceção do projeto.....   | 9  |
| Objetivos do projeto “ <i>Estórias de ontem... Histórias de hoje</i> ” .....          | 11 |
| Escrita e estrutura do relatório .....  | 12 |
| <br><b>Parte I - Enquadramento teórico</b> .....                                      | 14 |
| <br><b>Capítulo 1 – Acerca da Educação Artística</b> .....                            | 14 |
| 1.1. A Educação Artística no desenvolvimento pessoal dos alunos.....                  | 14 |
| 1.2. Currículo do 1º Ciclo do Ensino Básico (1ºCEB) .....                             | 15 |
| 1.2.1. A Educação Artística no Currículo .....  | 15 |
| 1.2.2. As Expressões Artísticas no Currículo do 1ºCEB.....                            | 18 |
| 1.2.3. As Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC) no 1ºCEB ....                 | 19 |
| <br><b>Capítulo 2 – Educação Artística, colaboração e criatividade</b> .....          | 23 |
| 2.1. Colaboração.....   | 23 |
| 2.1.1. O conceito.....  | 23 |
| 2.1.1. A Pesquisa-Ação.....   | 24 |
| 2.2. Criatividade.....  | 26 |
| 2.2.1. O conceito.....  | 27 |
| 2.2.2. As fases do processo criativo .....  | 29 |
| <br><b>Parte II – “Estórias de ontem... Histórias de hoje” - Estudo de caso</b> ..... | 31 |
| <br><b>Capítulo 3 - Caracterização do contexto escolar</b> .....                      | 31 |
| 3.1. O concelho de Cascais para a escola .....  | 33 |
| 3.2. A freguesia da Amoreira para a escola .....                                      | 34 |
| 3.3. O Agrupamento Escolas Ibn Mucana .....   | 35 |
| 3.4. A EB/JI Fernando José dos Santos .....   | 35 |
| 3.5. A comunidade escolar da EB/JI Fernando José dos Santos .....                     | 36 |
| 3.5.1. Alunos.....  | 36 |
| 3.5.2. Docentes.....  | 36 |
| 3.5.3. Pessoal Não Docente.....   | 37 |
| 3.5.4. Pais e Encarregados de Educação.....   | 37 |
| <br><b>Capítulo 4 – Apresentação do projeto</b> .....                                 | 38 |
| 4.1. Pressupostos do projeto .....  | 41 |
| 4.2. Organização e funcionamento do projeto.....                                      | 43 |
| 4.3. Parcerias .....  | 53 |
| 4.4. Avaliação .....  | 53 |
| <br><b>Conclusão</b> .....  | 56 |
| <b>Referências Bibliográficas</b> .....   | 58 |
| <b>Anexos</b> .....   | 61 |

## **Imagens**

- Imagem 1 - Representação das fases do ciclo da investigação-ação
- Imagem 2 - Rancho folclórico do GIPA
- Imagem 3 – Banda do GIPA anos 30/40
- Imagem 4 - Logotipo do Agrupamento
- Imagem 5 - Cartaz de apresentação dos Seminários
- Imagem 6 - Fachada da EB/JI FJS
- Imagem 7 - Logotipo da escola
- Imagem 8 - Folheto da campanha de angariação de fundos
- Imagem 9 – Organograma do Projeto “Estórias de ontem... Histórias de hoje”
- Imagem10 – Pannel explicativo do Projeto “Estórias de ontem...Histórias de hoje”
- Imagem 11 - Assembleia de escola: a diferença entre Estória e História.
- Imagem 12 - Todas as opiniões são ouvidas e discutidas
- Imagem 13 - Dramatização da lenda da Boca do Inferno em Assembleia de Escola.
- Imagem 14 - Escolha livre das oficinas
- Imagem 15 - Painéis com as Oficinas da Etapa
- Imagem 16 - Exemplo de um painel com as oficinas
- Imagem 17 - Apresentação do Coro da EB/JI FJS na Festa de Natal
- Imagem 18 – Apresentação pública da peça “Estou Inocente”
- Imagem 19 - Workshop APEM Cantar Mais
- Imagem 20 - Workshop APEM Cantar Mais
- Imagem 21 – Diário gráfico de alguns alunos sobre o workshop APEM
- Imagem 22 – Pedro e o Lobo - Concerto da Orquestra de Câmara Cascais/Oeiras
- Imagem 23 - Visita ao Teatro Nacional de São Carlos
- Imagem 24 – Visita ao Teatro Nacional de São Carlos
- Imagem 25 - “ Eu construí um Adufe”
- Imagem 26 - Ensaio do “Bailarico Saloio”
- Imagem 27 - Cri'Ativos - Jogos de tabuleiro
- Imagem 28 - Pensar as regras do jogo
- Imagem 29 – Os símbolos da cidade de tomar relacionadas coma lenda de Santa Iria
- Imagem 30 - Um olhar sobre o Convento de Mafra
- Imagem 31 - Oficina de "Mãos à Obra"
- Imagem 32 - GoalBall - Futebol para invisuais
- Imagem 33 - O príncipe da lenda da Cova Encantada
- Imagem 34 - O feiticeiro da lenda da Boca do Inferno
- Imagem 35 – Oficina de cerâmica
- Imagem 36 - Presépio realizado na oficina de cerâmica
- Imagem 37 – Atentos às explicações dos jornalistas
- Imagem 38 - O Violoncelista da OSP
- Imagem 39 - Experimentar e sentir
- Imagem 40 - Com o Arquiteto analisando as plantas da Ludobiblioteca da Escola
- Imagem 41- Com a Higienista Oral
- Imagem 42 - Os mistérios da Arqueologia

Imagem 43- Catalogação arqueológica  
Imagem 44 - Professor por uma hora  
Imagem 45 - Oficina de Flores  
Imagem 46 - Oficina de Carpintaria - Restauro de um armário  
Imagem 47 - Depois de restaurado serviu de expositor para os trabalhos  
Imagem 48 - Oficina de Croché  
Imagem 49 - Logótipo do projeto para o ano 2016/2017

## **Abreviaturas**

**1º CEB** – 1º Ciclo do Ensino Básico  
**AEC** – Atividades de Enriquecimento Cultural  
**AML** – Área Metropolitana de Lisboa  
**APEM** – Associação Portuguesa de Educação Musical  
**AP EB/JI FJS** – Associação de Pais da Escola Básica com Jardim-de-Infância  
Fernando José dos Santos  
**CAF** – Componente de Apoio à Família  
**CIEP-EU** - Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora  
**CMC** - Câmara Municipal de Cascais  
**CUEA** – Clube Unesco de Educação Artística  
**EB** – Ensino Básico  
**EB1** Amoreira – Escola Básica 1 de Amoreira  
**EBFJS** – Escola Básica Fernando José dos Santos  
**EB/JI FJS** – Escola Básica com Jardim-de-Infância Fernando José dos Santos  
**ESE** - Escola Superior de Educação  
**EVT** – Educação Visual e Tecnológica  
**GIPA** - Grupo Cultural e Recreativo da Amoreira  
**JFA** – Junta de Freguesia de Alcabideche  
**JJ** – Jardim de Infância  
**PCA** – Projeto Curricular de Agrupamento  
**PEC** – Projeto Educativo de Agrupamento  
**OSP** – Orquestra Sinfónica Portuguesa  
**TIC** – Tecnologias da Informação e Comunicação  
**TNSC** – Teatro Nacional de São Carlos  
**UNESCO** – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura



## Introdução

### **Motivação para a conceção do projeto *Estórias de ontem...Histórias de hoje***

Da verificação da necessidade de investimento formativo nos domínios da colaboração e da criatividade em ambiente curricular com alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico (1º CEB), e a respetiva comunidade escolar, nasceu a motivação para o desenvolvimento de ação pedagógica que, envolvendo música, o proporcionasse. Este relatório reporta assim um projeto-piloto na área das Expressões Artísticas, intitulado “*Estórias de ontem... Histórias de hoje*”, desenvolvido na Escola Básica/Jardim de Infância Fernando José dos Santos (EB/JI FJS) na Amoreira, no concelho de Cascais. Esta escola é o meu local de trabalho e nela tenho desempenhado a função de professora titular de turma desde Setembro de 2013.

O projeto-piloto “*Estórias de ontem... Histórias de hoje*” surgiu de uma necessidade pessoal, enquanto professora do 1º Ciclo do Ensino Básico, e de uma constatação evidente da pouca valorização dada à área das expressões nas práticas pedagógicas vigentes e no próprio currículo. Centra-se, pois, em torno da perspetiva do papel da Educação Artística em geral e das Expressões Artísticas em particular, com uma incidência especial na área disciplinar da Expressão Musical, no Currículo do 1º CEB e da sua efetivação nas práticas pedagógicas vigentes. Tomo como convicção o princípio de que a Educação Artística no Ensino Básico deve ter como principal objetivo a abertura do caminho a novas experiências que se revelem intelectualmente estimulantes, pessoalmente enriquecedoras e relevantes para a vida dos alunos. Esta será uma contribuição, que se revelará constante, para o desenvolvimento das suas capacidades de apreciação, valorização e compreensão do universo que os rodeia e do qual os objetos artísticos fazem parte. Ao confrontar esta convicção com práticas atuais, verifico que estes aspetos são constantemente negligenciados, subestimados e pouco explorados. Assim, a estruturação e a implementação do projeto-piloto “*Estórias de ontem... Histórias de hoje*” têm como principal intuito dar valor à importância que as Expressões Artísticas podem ter para o desenvolvimento pessoal e social das crianças, em particular pelo seu potencial para a facilitação da expressão individual, desenvolvendo a criatividade e a sensibilidade estética, contribuindo para o autoconhecimento, oferecendo assim possibilidades privilegiadas para o equilíbrio da formação da personalidade e do desenvolvimento dos alunos.

A EB/JI FJS é uma realidade que me é muito familiar e onde em anos anteriores, 2013/14 e 2014/15, havia já participado em pequenos projetos no âmbito das Expressões Artísticas, sempre com o intuito da sua valorização e pela convicção da sua capacidade de, através de processos criativos, proporcionar aos alunos o desenvolvimento da sua “personalidade de forma autónoma e crítica, numa permanente interação com o mundo” (Educação, 2004). Sendo a minha formação inicial vocacionada primeiramente para o Ensino da Educação Musical nos 2º e 3º CEB, a realidade do 1º CEB, onde atualmente me encontro a lecionar, deu origem a uma série de questões que se prendem, por um lado com a estruturação e valorização do Currículo e, por outro, com a formação inicial dos professores deste ciclo, e a sua capacidade/preparação para encararem as Expressões Artísticas como uma área particular válida na construção do conhecimento e estruturação do pensamento dos alunos.

Uma vez que o projeto foi implementado em toda a escola e não apenas num grupo de alunos, o universo de estudo permitiu construir uma rede colaborativa e uma nova dinâmica de escola entre a comunidade educativa (alunos, docentes, técnicos, assistentes operacionais, pais e encarregados de educação) e os parceiros do projeto (Câmara Municipal de Cascais (CMC), Junta de Freguesia de Alcabideche (JFA), Associação de Pais da Escola Básica/Jardim de Infância Fernando José dos Santos (AP EB/JI FJS), entidades locais e população do meio envolvente). O trabalho de campo diário de observação, registo e validação das interações dos intervenientes no projeto, revelou aspetos fundamentais das rotinas, das relações e tensões que constituem toda esta experiência em curso. As visitas de estudo e saídas de campo realizadas, para além de validarem aspetos atrás mencionados, surgiram como uma oportunidade de contactar diretamente com a realidade cultural na qual se insere o projeto.

Criando uma abrangência maior que apenas a música, a dança e o drama, o projeto que desenvolvi na EB/JI FJS, centrou-se nas Expressões Artísticas e na sua capacidade de promoção de sucesso educativo assim como na sua relação com aspetos culturais e de serviços vários do meio local. Para a sua conceção e para este relatório, recorri a conhecimentos teóricos de que me muni na Escola Superior de Educação de Lisboa (ESE), na FCSH e na minha ação profissional que me permitem fundir abordagens educativas, etnomusicológicas, etnográficas e sociológicas. O projeto-piloto “*Estórias de ontem... Histórias de hoje*”, implementado na escola, procura pois retratar a complexa rede de interações que constitui a experiência escolar diária, mostrando como se processa

e estrutura a produção do conhecimento criativo, se desenvolve o sentido colaborativo e as interações sociais, culturais e educativas.

### **Objetivos do projeto “*Estórias de ontem... Histórias de hoje*”**

Expresso o problema que se prende com a pouca valorização das Expressões Artísticas nas práticas pedagógicas vigentes e no currículo, tornou-se fundamental estabelecer objetivos a alcançar com o desenvolvimento do projeto. O principal objetivo foi estudar a validade das artes e em particular das Expressões Artísticas na formação social, pessoal e cívica das crianças. No entanto, foi fundamental para mim, enquanto docente, perceber de que forma um projeto deste âmbito podia ou não interferir com a comunidade local. A minha ideia era contribuir de forma positiva, através de todas as parcerias estabelecidas entre a escola, os serviços e as entidades locais, para um maior envolvimento entre todos, numa mudança de paradigmas e pensamentos relacionados com as Expressões Artísticas.

Tendo presentes as ideias principais referentes ao desenvolvimento da criatividade, da colaboração, do auto crescimento e desenvolvimento pessoal e social de todos os envolvidos, foram delineados em Conselho de quatro grandes objetivos orientadores: (1) entender a valorização das Expressões Artísticas no currículo do 1º CEB através da leitura e interpretação do mesmo, analisando a sua efetiva aplicação nas práticas pedagógicas vigentes; (2) desenvolver o potencial educativo através de uma perspetiva das Expressões Artísticas como veículo facilitador na construção das capacidades de colaboração e de criatividade num meio escolar específico; (3) contribuir para uma maior consciência do papel da Educação Artística e da sua articulação entre os diversos saberes no currículo do 1º CEB, através do desenvolvimento crítico-criativo individual; e (4) elaborar propostas e estratégias, num trabalho de parceria envolvendo a comunidade educativa e os parceiros do projeto, com vista à aplicação das Expressões Artísticas como veículo de promoção e consolidação de capacidades de colaboração e criatividade, desenvolvendo transversalmente conhecimentos nas várias áreas do currículo.

## **Escrita e estrutura do relatório**

Pensar e estruturar a escrita de um trabalho académico que cresce e se desenvolve em torno de uma comunidade educativa, e que não depende exclusivamente de uma só pessoa, exige uma reflexão carregada de aspetos racionais e emocionais nem sempre fácil de realizar. O cuidado com que se escolhem as palavras e se relatam os pormenores necessita de uma atenção e afinação constantes. Afinal, expomos socialmente e damos a conhecer todo um conjunto de intervenientes sem os quais não seria possível realizar tal projeto. A capacidade de me colocar por um lado no papel de investigador e por outro no de interveniente direto na ação, a leitura prévia e atenta de projetos similares realizando um contato direto através de visitas e entrevistas aos seus intervenientes, a realização de inquéritos aos técnicos, docentes, alunos e a diversas entidades exteriores à escola, complementados com trabalho de campo diário, revelaram-se aspetos de extrema importância no auxílio da escrita do presente relatório.

Estando maioritariamente focado na validação das Expressões Artísticas em contexto educacional, o projeto-piloto “*Estórias de ontem... Histórias de hoje*” apresenta uma perspetiva etnomusicológica de dimensão ampla, diria. A Etnomusicologia é a “disciplina científica que estuda a música nas suas múltiplas dimensões, a social, a cultural, a política, a cognitiva e a estética” (Castelo-Branco, 2010: 419) que se socorre em muitos casos e para este estudo, em particular, de ferramentas de várias outras ciências como noções para o enquadramento teórico e metodológico de diversos de detalhes também usados e desenvolvidos nos campos da Antropologia, da Sociologia, da Psicologia, da Economia e da Educação. Foi pertinente, revelando-se enriquecedora, a sua relação neste projeto-piloto, auxiliadora, tanto na construção de uma rede colaborativa entre todo o corpo docente, técnicos e parceiros que, de forma direta ou indireta, contribuíram e facilitaram as abordagens do projeto, como para o trabalho da sua interpretação e escrita deste relatório. O trabalho de pesquisa-ação constante, o contacto com os intervenientes num meio privilegiado para a aprendizagem, permitindo o desenvolvimento de ações e pensamentos críticos relacionados com as Expressões Artísticas e a música em particular fazem parte da metodologia deste trabalho.

O presente relatório é composto por uma introdução onde se faz referência à motivação, objetivos e a sua relação com a Etnomusicologia, o campo científico no qual se integra este trabalho; por duas partes e por uma conclusão. A Parte I está dividida em dois capítulos onde se faz uma abordagem teórica sobre a Educação Artística no currículo

e os conceitos de colaboração e criatividade relacionando-os com o projeto-piloto *Estórias de ontem... Histórias de hoje*. Na Parte II, também composta por dois capítulos, faz-se a apresentação da caracterização do contexto escolar e da comunidade escolar envolvida no projeto assim como a apresentação concreta do projeto-piloto. Por fim apresenta-se a Conclusão onde se avalia e reflete sobre aspetos positivos e aspetos a melhorar e se apontam benefícios testemunhados na e para a comunidade escolar. Reflete ainda sobre capacidades criativas e colaborativas desenvolvidas no projeto e sobre o modo como estas contribuíram para a formação pessoal e social dos seus intervenientes.

## **Parte I – Enquadramento teórico**

### **Capítulo 1 – Acerca da Educação Artística**

#### **1.1.A Educação Artística no desenvolvimento pessoal dos alunos**

Perceber, configurar e dar sentido ao mundo que nos rodeia só é possível, desde os tempos mais remotos, através da arte. Com efeito, a importância da Educação Artística no desenvolvimento pessoal e social do indivíduo não é uma ideia recente.

Filósofos como Platão e Aristóteles acreditaram que a arte podia ser um estímulo para o equilíbrio e acalmia do indivíduo. O pedagogo João dos Santos defendeu que uma educação através da arte potenciava o desenvolvimento harmonioso da criança, contribuía para um conhecimento de si mesmo e dos que dela se rodeiam. Também Sousa, no livro *Educação pela Arte e Artes na Educação* (2003 (1): 62), citando Langsner, refere que a “Educação Artística é fundamental para o desenvolvimento equilibrado da pessoa, havendo mais problemas, dificuldades psicológicas e de aprendizagem em escolas que apenas praticam modelos de educação cognitiva”. O mesmo autor defende ainda que a *formação* da criança “não pode ser ensinada de maneira direta, só podendo ser devidamente proporcionada pela escola através das áreas de desenvolvimento artístico [...]. As artes, constituindo a linguagem dos afetos, oferecem uma possibilidade única de desenvolvimento completo, de formação equilibrada da personalidade” (idem: 113). Neste sentido, a valorização das Expressões Artísticas e em especial da música, em ambiente escolar, potenciam a possibilidade de romper com o padrão académico de memorização e repetição de conteúdos, pois permitem fomentar a capacidade de questionar, repensar e procurar respostas. Esta valorização pode significar a diferença entre um aluno criador, flexível e consciente de si próprio e um aluno com pouca capacidade de aplicação dos conteúdos aprendidos.

A Educação Artística no geral desenvolve a espontaneidade numa “articulação entre imaginação, razão e emoção”, auxiliando o “entendimento e a compreensão de diferentes aspetos da vida quotidiana e da história social e cultural” (Competências Essenciais: 165), permitindo a formação de seres críticos, com sentido estético e capazes de se integrarem social e culturalmente numa sociedade que vive em constante mudança. A Educação Artística é por isso, um “direito humano universal” (Roteiro para Educação

Artística UNESCO, 2006: 5) e deve estar acessível a todos aqueles que fazem parte do sistema educativo, incluindo “imigrantes, grupos culturais minoritários e pessoas portadoras de deficiência”(idem).

Todo o ser aprendente tem um potencial criativo que deve ser desenvolvido de forma constante, para que não se torne estéril. Esse desenvolvimento só é possível se, no ambiente em que se insere, houver ferramentas necessárias para tal. Um sistema de ensino onde a Educação Artística não é valorizada limita muito a formação e o crescimento moral, cívico e cultural da criança. Além disso, a Educação Artística estimula o desenvolvimento cognitivo, facilitando a relação entre o que é aprendido e a sua aplicação real face às necessidades da sociedade global e multicultural. Segundo o Roteiro citado, para a Educação Artística – Desenvolver as Capacidades Criativas para o Século XXI, a educação artística é “um meio à disposição das nações para a preparação dos recursos necessários ao aproveitamento do seu valioso capital cultural. É essencial tirar o melhor partido desses recursos e desse capital se os países quiserem desenvolver indústrias e empresas culturais (criativas), fortes e sustentáveis [...]”(idem).

A Educação Artística, através do desenvolvimento das competências do observar, sentir, ouvir, comunicar é, portanto, extremamente importante para o desenvolvimento pessoal do indivíduo. Nesta perspetiva, a Educação Artística “nunca poderá ser abordada apenas pela via cognoscitiva” (Sousa, 2003: 63), dado que se colocam como objetivos prioritários aspetos emocionais e sentimentais. Segundo o que defende este autor, mais importante do que “aprender, conhecer e saber; é o vivenciar, o descobrir, o criar e o sentir” (idem).

## **1.2.Currículo do 1º Ciclo do Ensino Básico (1º CEB)**

### **1.2.1. A Educação Artística no Currículo**

Em Portugal, a Educação Artística tem-se desenvolvido de forma reconhecidamente insuficiente. A complexidade específica desta área à qual se juntam a falta de meios, equipamentos e infraestruturas adequadas ao seu desenvolvimento são fatores que podem justificar a dificuldade efetiva de articulação e implementação desta área no currículo do ensino básico. No entanto, esta problemática sentida pelas escolas e pelo próprio Ministério da Educação, em torno das questões que se prendem com a Educação Artística em geral e as Expressões Artísticas em particular no 1º CEB, não tem

passado despercebida, especialmente a quando das reformulações e reestruturações dos currículos escolares. Também a crescente mobilidade mundial valida a necessidade de democratizar a Educação Artística no sistema educativo tornando-a acessível a todos permitindo e potenciando a troca de experiências entre indivíduos de diferentes culturas, numa perspetiva colaborativa e de crescimento pessoal e social.

A 1ª Conferência Mundial de Educação Artística da UNESCO, referida, que decorreu em Lisboa no ano de 2006 centrou o seu trabalho no tema “Desenvolver as Capacidades Criativas para o Século XXI”. Tendo como principal objetivo a promoção e exploração do papel da Educação Artística na satisfação da necessidade de criatividade e de consciência cultural no século XXI, incidiu especialmente sobre as estratégias necessárias à introdução e promoção da Educação Artística no contexto de aprendizagem. A partir desta base de trabalho, foi elaborado o “Roteiro para a Educação Artística” com recomendações aos diversos setores da sociedade, onde se incluem os educadores, pais, artistas e diretores das instituições educativas, dando relevância aos aspetos relacionados com as práticas artísticas, à promoção do conhecimento cultural e às parcerias com as instituições por forma a validar a importância de Educação Artística como auxiliador e promotor de uma aprendizagem mais efetiva e coerente. A conferência reconheceu o “valor e a aplicabilidade das artes no processo de ensino aprendizagem e o seu papel fundamental no desenvolvimento de capacidades cognitivas e sociais, numa contribuição efetiva da melhoria da aprendizagem, no desenvolvimento de capacidades e na cooperação entre os sistemas e recursos de aprendizagem formal e não formal” (Roteiro para Educação Artística UNESCO 2006: 19).

Após a conferência assistimos, em 2008, à criação do Clube Unesco de Educação Artística (CUEA). Segundo a presidente do CUEA, Dra. Ana Pereira Caldas, em entrevista por mim realizada a 16 de dezembro de 2015 o CUEA “acolhe-se à sombra protetora e responsabilizadora da Comissão Nacional da UNESCO” e surgiu para dar resposta às lacunas existentes no sistema educativo na área da Educação Artística. Apresentando-se como um espaço de discussão e afirmação das questões fundamentais sobre a Educação Artística em Portugal e de difusão de modelos e práticas existentes. Com um trabalho focado em três itens essenciais: i) Trabalho no terreno com as crianças; ii) Formação de professores através de ações de formação nas áreas artísticas, e workshops; iii) Divulgação das atividades desenvolvidas<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Folheto promocional do Clube Unesco de Educação Artística



O CUEA acredita que a Educação Artística é uma componente essencial para uma educação de qualidade, formadora de uma cidadania mais participativa e consciente. No entanto, apesar da existência de diversos estudos e projetos de investigação que evidenciam a importância das artes na educação, continuamos a assistir a uma realidade que coloca a Educação Artística em segundo plano.

O Decreto-Lei nº 344/90, de 2 de novembro, que estabelece as bases gerais da organização da Educação Artística pré-escolar, escolar e extraescolar, desenvolvendo os princípios contidos na Lei nº 46/86, de 14 de outubro – Lei de Bases do Sistema Educativo, fazia já referência à importância da Educação Artística e à necessidade perentória da implementação da mesma em ambiente educacional, uma vez que esta “já não se compadece com medidas pontuais ou remédios sectoriais: a sua resolução passa pela reestruturação global e completa de todo o sistema [...] que contemplará todas as modalidades [...] música, dança, teatro, cinema, audiovisual e artes plásticas”. Em 2001, com base no Decreto de Lei 6/2001 de 18 de janeiro, foram definidas pelo Ministério da Educação, um conjunto de competências consideradas essenciais e estruturantes no âmbito do desenvolvimento do Currículo Nacional do Ensino Básico. Organizado por disciplinas e por ano de escolaridade, com uma estruturação dos tópicos a ensinar, indicações metodológicas e diversos tipos de experiências a proporcionar a todos os alunos, este documento, iniciado em 1996, pretendia acima de tudo, consagrar a ideia da gestão flexível do currículo, considerando o Ensino Básico como um todo, onde cada uma das competências a adquirir nas diversas disciplinas se relacionava de forma transversal, numa integração de conhecimentos, capacidades, atitudes e valores cívicos, sociais e pessoais. Porém, em 2013, aquando da nova revisão curricular, as referidas competências essenciais foram revogadas, tendo sido apresentadas e aprovadas as metas curriculares centradas nas disciplinas de Português e Matemática, com um foco quase exclusivo nos conteúdos e na sua avaliação, dando pouco ênfase ao desenvolvimento de competências e capacidades criativas e artísticas. Desta forma, a Educação Artística foi reposicionada no currículo como uma atividade menor, sendo encarada na maior parte das vezes como algo para descontrair, entreter ou, na maioria dos casos, servir de apoio a apresentações festivas que decorrem no espaço escolar.

Atualmente, as novas diretrizes ministeriais perspetivam uma valorização desta área. A implementação das provas de aferição para alunos de segundo ano na área das Expressões Artísticas, preconiza a maior mudança. Mas, apesar dos bons ventos que se começam a sentir, também se auguram dificuldades eminentes. A maior questão surge

talvez, no seio dos grupos docentes, onde anos de aviltamento perante as Expressões Artísticas criam inseguranças quanto à sua capacidade de permitir aos alunos o alcance do sucesso nestas áreas. Curiosamente, esta mudança de pensamento por parte dos órgãos superiores revela-se pouco coerente quando se afirma que a avaliação não deve ser meramente quantitativa. Se por um lado se pretende efetivar e validar as áreas das expressões, como forma de crescimento social e cultural, através de um aprender colaborativo e participativo por outro, estamos a incutir-lhe uma carga avaliativa à qual deveríamos dar menor importância. E embora a avaliação seja extremamente importante, tendo em consideração que constitui um instrumento regulador de aprendizagens, a mesma só deve coexistir acompanhada de uma prática efetiva e consistente, possibilitando o desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural dos alunos. Assim, parece fundamental que cada vez mais se considere a Educação Artística com uma dignidade própria, dirigida à finalidade educativa de formação integral das crianças.

### **1.2.2. As Expressões Artísticas no Currículo do 1º CEB**

No 1º CEB, as Expressões Artísticas aparecem integradas no currículo pelo Decreto-Lei nº 344/90, de 2 de novembro que define como Educação Artística genérica aquela que se destina a todos os cidadãos, independentemente das suas aptidões ou talentos específicos nalguma área, sendo considerada parte integrante indispensável da educação geral. Tem por base de trabalho o documento *Organização Curricular e Programas do Ensino Básico* elaborado em 1991 que contempla e especifica de forma bastante pormenorizada os princípios orientadores, os objetivos gerais e específicos para cada uma das áreas de expressões: musical, plástica, físico-motora e dramática, a desenvolver ao longo de todo o ciclo.

No 1º CEB, as políticas educativas têm sido pouco eficazes na validação e concretização práticas destas áreas. O facto de continuar em vigor um programa que remonta a 1991 é, possivelmente, revelador da importância dada às Expressões Artísticas. Pese embora a sua predominância desde sempre no currículo, as práticas pedagógicas deixam transparecer bastantes fragilidades nestas áreas. Poderei apontar, tal como o fiz anteriormente, algumas causas que justificam esta situação. No entanto, parece-me que neste ciclo, a maior causa para a não validação destas áreas se prende com a deficiente formação inicial de professores. Também aqui nos deparamos com currículos pouco

atualizados com base nos quais se desenvolvem atividades não adequadas à sociedade atual, na qual as crianças se movimentam e interagem. Na área da música, essa falta de atualização é bastante evidente. Às crianças, é dado a conhecer através dos média, um leque variado de realidades musicais que, para os docentes que ainda que, integrados na mesma sociedade, também o consomem e conhecem, não o conseguem transpor para o contexto educativo de sala de aula, articulando-o com o das outras áreas dos currículos. Na conjuntura atual, as Expressões Artísticas assumem assim, neste contexto de ensino básico, numa perspetiva globalizante e integradora, uma manifesta importância a que, no entanto, não é dada a suficiente e adequada atenção. Talvez por isso seja perentório, reformular a formação inicial de professores, capacitando-os com ferramentas necessárias para o trabalho efetivo de entendimento do papel da música no grupo populacional preciso e com equipamento intelectual e pedagógico conciso em contexto de sala de aula, auxiliando desta forma o crescimento social, crítico, criativo e cultural dos intervenientes neste processo de ensino-aprendizagem.

### **1.2.3. As Atividades de Enriquecimento Curricular no 1º CEB**

As atividades de enriquecimento curricular devem ser encorajadas (nos domínios da educação física e desporto, das artes, das tecnologias e da experimentação científica), uma vez que o currículo não se esgota nas componentes obrigatórias (ARAUJO:2008, pág. 127)

As escolas do 1º Ciclo costumavam funcionar, na sua maioria, em regime de desdobramento de turnos com aproveitamento do mesmo recurso físico do espaço de sala de aula por turmas diferentes. Por outras palavras, as crianças apenas permaneciam na escola ou no período da manhã ou no período da tarde. O restante tempo era normalmente da responsabilidade dos pais e encarregados de educação que entregavam os cuidados dos seus educandos a familiares próximos ou aos então existentes espaços de ATL (Atividades de Tempos Livres).

O Ministério da Educação evocou, para alterar este panorama de horário, que as mudanças na sociedade atual, nomeadamente o trabalho fora de casa de ambos os membros do casal e uma menor disponibilidade no acompanhamento dos filhos, exigiam da escola uma cobertura de horário a tempo inteiro e a oferta a todos os alunos de novas oportunidades de aprendizagem, pedagogicamente ricas e complementares, das

aprendizagens associadas à aquisição das competências do ensino básico. Esta mudança de funcionamento de horário conduziu à necessidade de reorganizar toda a noção de dinâmica e autonomia escolar o que levou à criação de parcerias com as autarquias, entidades locais e associações de pais, para que desta forma se pudesse assegurar a permanência das crianças no espaço escolar. As Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC) foram assim implementadas nas escolas, no âmbito do programa “Escola a Tempo Inteiro”, com base no Despacho n.º 12 591/2006 D.R. n.º 115, Série II, revogado pelo Despacho n.º 14460/2008. D.R. n.º 100, Série II de 26 de maio. Segundo o referido despacho, são consideradas AEC, todas as atividades que incidam nos domínios desportivo, artístico, científico, tecnológico e das tecnologias da informação e comunicação, de ligação da escola com o meio, de solidariedade e voluntariado e da dimensão europeia da educação, nomeadamente: a) Atividades de apoio ao estudo; b) Ensino do Inglês; c) Ensino de outras línguas estrangeiras; d) Atividade física e desportiva; e) Ensino da música; f) Outras expressões artísticas; g) Outras atividades que incidam nos domínios identificados. Posteriormente, o referido despacho foi revogado pela Portaria n.º 644-A/2015. D.R. n.º 164, 3º Suplemento, Série II, e onde se consideram AECs as atividades educativas e formativas que incidam na aprendizagem da língua inglesa ou de outras línguas estrangeiras e nos domínios desportivo, artístico, científico, técnico e das tecnologias da informação e comunicação, de ligação da escola com o meio e de educação para a cidadania. A implementação desta medida teve várias leituras. Para as famílias, a oferta educativa pós letiva, sem custos associados, revelou-se bastante benéfica uma vez que assegurava a permanência das crianças, durante todo o dia, no espaço escolar. Para as crianças, surgia aqui a oportunidade de enriquecerem as aprendizagens efetuadas durante o tempo letivo, através de uma pedagogia de currículo aberto que lhes permitia e oferecia um enriquecimento cultural e educativo através da ludicidade. Assim, as AEC foram encaradas como um agente educativo de interesse fundamental que, no âmbito da escola básica, gratuita e massificada, seguiam as orientações pedagógicas e didáticas adequadas, proporcionando a igualdade de oportunidades para a formação e para o desenvolvimento pessoal e social das crianças. Ora, e apesar do seu caráter lúdico, as AEC deviam ser ministradas por professores especializados nas diferentes áreas<sup>2</sup>, de acordo com as orientações programáticas em vigor, numa articulação constante com o currículo. No entanto, a realidade ficou bem

---

<sup>2</sup> Despacho n.º 12 591/2006, de 16 de junho

aquém desta diretriz. A falta de formação dos professores que lecionavam as Expressões Artísticas contempladas nas AEC foi bastante evidente, tornando questionável a qualidade das aprendizagens realizadas e a vantagem educativa do programa inicial.

*A Avaliação Externa do Programa das Atividades de Enriquecimento Curricular no 1º CEB*, realizada pelo Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora (CIEP-EU), teve como objetivo avaliar as componentes de implementação e de impacto do programa das AEC, tendo por base os diversos intervenientes do processo (responsáveis pelas AEC das entidades promotoras e entidades parceiras, direção de diversos agrupamentos, professores titulares do 1º Ciclo e professores das áreas artísticas das AEC e do 2º ciclo). Após a análise dos resultados do estudo, o referido relatório destaca positivamente o programa das AEC, entre outros benefícios, pelas suas: ii) eficácia das parcerias estabelecidas com diversas entidades promotoras que assumem, parcial ou totalmente, a execução das AEC; iv) equidade no acesso de todos os alunos a experiência de aprendizagens diversificadas e enriquecedoras do currículo; e v) adequação dos tempos de permanência das crianças nas escolas, as necessidades da maioria das famílias. No entanto, os constrangimentos apresentados na referida avaliação assumem um carácter mais evidente especialmente quando destacam, entre aspetos menos benéficos, em primeiro plano: i) o baixo envolvimento e participação dos pais e encarregados de educação nas AEC; iii) as condições laborais dos técnicos das AEC pouco atrativas (horários reduzidos, pouca equidade na remuneração e precariedade laboral); iv) a insuficiente articulação curricular e pedagógica; viii) a quantidade e qualidade dos materiais necessários, sobretudo no ensino da música e atividade física e desportiva; ix) a ausência de garantias de condições efetivas na integração dos alunos com NEE; x) a tendência para estratégias de ensino escolarizadas.<sup>3</sup>

Alguns dos constrangimentos evidenciados pelo estudo eram evidentes no contexto escolar da EB/JI FJS onde, apesar do bom funcionamento das parcerias com a autarquia e com a associação de pais (promotora desde sempre das AEC), era notória a desmotivação das crianças e dos professores que as lecionavam. Foi neste sentido que se tornou urgente repensar as práticas então existentes, aproveitando a permanência das crianças na escola a tempo inteiro, numa perspetiva de valorização das Expressões Artísticas em articulação constante com o currículo, desenvolvendo na comunidade

---

<sup>3</sup> Avaliação Externa do Programa das Atividades de Enriquecimento curricular no 1º ciclo do Ensino Básico. Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora (CIEP-EU). 2013

educativa o gosto de aprender através da criação, da experimentação e da colaboração. Assim começou a ser pensado o projeto “*Estórias de ontem... Histórias de hoje*”.

## Capítulo 2 – Educação Artística, colaboração e criatividade

### 2.1. Colaboração

#### 2.1.1. O Conceito

No dicionário Priberam online de língua portuguesa podemos encontrar o significado de colaboração como a ação de agir com outrem para obtenção de determinado resultado. Esta palavra refere-se a trabalhar/cooperar em conjunto com outras pessoas com o objetivo da realização de um trabalho, de uma obra ou de um projeto. Neste sentido, colaboração é uma ajuda que se presta para que alguém possa fazer algo, que de outra maneira, se tornaria mais difícil. Neste sentido, pode colaborar-se de várias e diversas formas; nas ações simples do dia-a-dia (ajudar a atar os sapatos do filho), em causas solidárias (comprando uma rifa) ou ao nível dos negócios dos mercados globalizados. Certamente por isso, o termo colaboração tenha ganho um significado tão grande. Colaborar é sinónimo de unir forças numa construção conjunta de um conhecimento fundamental à realização de tarefas e, por isso, a noção de sentido colaborativo está presente em todas as áreas da sociedade desde a económica, à científica, passando pela etnográfica, à etnomusicológica e educativa, contextos académicos que aqui interessam em particular.

Na educação, o sentido colaborativo é por demais evidente. Assistimos a uma mudança de paradigma de escola onde o professor perde o seu papel autoritário de detentor do conhecimento e de um aluno o de figura que apenas absorve e aprende o que lhe é transmitido e cuja mente era uma tábula rasa que precisava de ser preenchida. Deparamo-nos com uma escola que vive das interações sociais, com participação e atitudes responsivas e ativas, onde professores interagem com alunos de forma a construir e transformar a escola e a comunidade que a envolve culturalmente. Ao entrar na escola, o aluno já é detentor de informação de vida, de cultura do mundo e é na interação com o professor que vai crescer civicamente, social, social e culturalmente.

Todo o projeto piloto desenvolvido na EB/JI FJS “*Estórias de ontem... Histórias de hoje*” vive em torno do conceito de colaboração. É um projeto feito com e para a comunidade educativa, que abre as suas portas ao meio envolvente que, de forma voluntária oferece a sua colaboração na construção da identidade cultural dos atores do projeto. Todos assumem um papel principal e essencial ao desenvolvimento do mesmo

que vive da partilha, da vontade, da persistência e do acreditar no lema da escola que: *todos juntos conseguimos*.

Assumindo o papel de participante colaborante e investigadora, coloco-me agora pois no terreno desta pesquisa-ação, com o intuito de observar, pensar e refletir, para depois ajudar a criar metodologias que possam melhorar as práticas e o contexto cultural da escola.

### **2.1.2. A pesquisa-ação**

Segundo Thiollant (2006), a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e, no qual, os investigadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo colaborativo e/ou participativo. Um dos principais objetivos da pesquisa-ação é dar aos investigadores e aos grupos participantes os meios para se tornarem capazes de responder com maior eficácia aos problemas da situação em que vivem, em particular sob forma de diretrizes de ação transformadora. Outro objetivo da pesquisa-ação é a contribuição ativa na equação do problema central da pesquisa, tendo como ponto de partida diferentes soluções e propostas de ação como forma de auxílio à mudança. Para além disso também favorece a obtenção de informações fundamentais ao desenvolvimento da própria ação. Outro objetivo da pesquisa-ação relaciona-se com a capacidade de educar e potenciar conhecimentos que, para além de serem úteis aos atores do processo, também se revelam bastantes benéficos à comunidade educativa em geral. A pesquisa-ação revela-se assim um meio facilitador na procura de soluções para problemas existentes e para os quais os procedimentos convencionais não se revelam contribuição suficiente.

Pelo seu carácter etnomusicológico e pedagógico, o presente estudo enquadra-se nesta metodologia de pesquisa-ação. Toda a investigação é feita com o objetivo de promover uma mudança social e cultural do contexto escolar e cultural da EB/JI FJS onde eu, enquanto docente e investigadora, me envolvo ativamente na concretização dessa mudança. Existe pois um contexto favorável à realização de uma pesquisa-ação colaborativa, uma vez que não se limita a investigação a um carácter académico e burocrático, numa sucessão de tarefas de levantamento e compilação de informação e de construção de dados, mas sim se estende à realização de pesquisas nas quais os atores implicados têm algo a dizer e a fazer.



Tal como refere Campbell e Lassiter (2015), no livro *Doing Ethnography Today*, enquanto investigadores participamos ativamente na vida dos outros, observando e documentando as pessoas e os eventos, anotando detalhadamente as notas de campo ou realizando entrevistas. Enquanto escritores, organizamos, interpretamos e compilamos todas essas informações, construindo-as em forma de texto<sup>4</sup>. Neste sentido, o conceito de pesquisa-ação colaborativa como forma intencional de estimulação e desenvolvimento de culturas, aparece aqui em duas vertentes. A primeira sob forma de colaboração entre o investigador e os atores do processo investigativo e a segunda sob forma de colaboração entre os próprios atores, num desenvolvimento de competências pessoais, sociais, culturais, cívicas, estéticas e criativas. Mergulhamos ativamente na ação dos atores do processo de estudo, dos quais se extraem as perspetivas latentes e onde as mudanças são negociadas e geridas em conjunto. Podemos dizer que há um cuidado em ouvir as opiniões e ideias de todos, contextualizando-as no objeto da pesquisa, possibilitando uma mudança emancipatória e, em princípio benéfica para os atores do processo. Este foi um dos objetivos que me levaram ao trabalho para que ao longo de todo o projeto fossem realizadas Assembleias de Escola.

Tendo sempre presente este sentido colaborativo, a pesquisa-ação desenvolvida no presente trabalho, vê na ação uma intenção de mudança e na investigação um processo de compreensão, desenvolvendo o duplo objetivo de transformar a realidade, mediante a mudança de práticas e de aprender a partir das consequências dessa mudança. Neste sentido a concordância com as ideias defendidas por Michel Thiollant são evidentes, quando aponta a pesquisa-ação como uma metodologia ampla e explícita de interação entre os intervenientes; que analisa a situação social, prioriza os problemas encaminhando-os para uma tentativa de resolução, num acompanhamento constante das decisões, das ações e de toda a atividade intencional dos atores da situação. Assim, promove-se um aumento do conhecimento do investigador e do “nível de consciência” dos atores considerados.

Alguns autores defendem que a pesquisa-ação se desenvolve em quatro fases, através de um processo cíclico de planificação, ação (implementação da planificação),

---

<sup>4</sup> Tradução livre: “*As fieldworkers, ethnographers participate in the lives of others, observing and documenting people and events, taking detailed fieldnotes, conducting interviews, and the like. As writers, ethnographers organize, interpret, and inscribe this collected and, as many argue, constructed information as texto*”. Campbell, E. e Lassiter, L. E.: *Doing Ethnography Today: Theories, Methodes, Exercices*. Pag 1. UK, 2015.

observação (monitorização dos efeitos da ação) e reflexão (avaliação e teorização dos resultados da ação) (ver imagem 1, anexo 1). Significa dizer que, todos os avanços no processo de pesquisa-ação implicam um efeito recursivo de reflexão permanente sobre a ação em si. A flexibilidade que advém do seu carácter cíclico revelou-se desde logo bastante vantajosa no contexto do projeto “*Estórias de ontem... Histórias de hoje*” pois, cada ciclo de reflexão/avaliação deu origem a uma nova planificação e consequentemente a uma ação revista e melhorada, numa constante introdução de novas alterações à ideia inicial do projeto, à medida que se foi refletindo e compreendendo os efeitos das estratégias aplicadas, ocasionando uma ação mais consequente e inteligente e dando-lhe um cariz pragmático e construtivista. No entanto, a metodologia de investigação-ação aplicada no presente projeto também revelou as suas fragilidades, especialmente nas questões de natureza ética que surgiram da duplicidade de papéis por mim assumidos – o de docente e o de investigadora no próprio contexto de trabalho. Apesar da ideia ser algo controversa, e tal como referi anteriormente, eu acreditar que, no contexto de pesquisa-ação, só um profundo conhecimento da prática pode trazer à tona as necessidades, lacunas, interesses ou potencialidades dos atores do processo. A fragilidade atrás apontada esteve presente no projeto piloto “*Estórias de ontem... Histórias de hoje*” implementado no EB/JI FJS. No entanto, acredito que o facto de se sentir necessidade de introduzir mudanças implicou um distanciamento e uma vontade de fazer melhor e portanto, a duplicidade de papéis acabou em algumas situações, por ser tornar benéfica. Talvez por isso, o que começou por ser um projeto dedicado exclusivamente ao desenvolvimento de oficinas de carácter performativo nas áreas das Expressões Artísticas (música, dramática e plástica), acabou por se converter num projeto onde se introduziram outras oficinas, que não estando diretamente ligadas com o desenvolvimento das competências das expressões, acabaram por ser uma mais-valias no desenvolvimento do sentido colaborativo, cultural e criativo dos seus intervenientes. Também se revelaram bastante úteis no desenvolvimento do contexto cultural, através dos participantes externos à escola e das parcerias com instituições locais e concelhias, que permitiram a construção de uma rede colaborativa não existente na experiência escolar local anterior.

## **2.2.Criatividade**

### **2.2.1. O conceito**

Para além do desenvolvimento do sentido colaborativo, o projeto piloto “*Estórias de ontem... Histórias de hoje*” pretendeu capacitar as crianças no desenvolvimento de habilidades criativas que as auxiliassem na articulação de saberes e na sua construção de indivíduo no meio social e cultural.

Na sociedade cada vez mais global e multicultural onde a velocidade e a mudança imperam, o ser humano destaca-se como ator principal, num crescimento constante, com necessidade de desenvolvimento de capacidades de gestão, interpretação e criatividade. Em tal cenário, a fase inicial do sistema educativo nacional tem ao seu alcance meios para optar pela aproximação ou não do modelo de vida da escola ao da sociedade global e multicultural. Neste estágio de educação inicial o desenvolvimento criativo pode modificar de forma positiva o ambiente escolar e as atividades das crianças. Estas mudanças, incidentes no uso e interpretação da informação transmitida advêm, talvez, da competição globalizada da sociedade atual. Neste sentido, desenvolver a criatividade em ambiente escolar é, sem dúvida, uma necessidade. Encorajar as crianças à descoberta e à resolução criativa de problemas, deve ser um ponto de partida para as atividades desenvolvidas em ambiente escolar.

O conceito de criatividade foi e continua a ser alvo de grandes estudos nas diversas áreas das ciências e da psicologia em particular, mas continua a ser encarado como um “constructo difuso e complexo” (Sternberg 2001: 56) pela dificuldade na criação e representação de modelos teóricos que promovam a sua operacionalização de forma precisa. No entanto, as opiniões e resultados dos estudos realizados são unânimes quanto à importância da criatividade e do desenvolvimento do potencial criativo na formação do ser humano, em especial das crianças na primeira idade. Não obstante, “a criatividade é uma qualidade intrínseca à essência humana na medida em que, cada sujeito se torna um criador flexível do seu futuro pessoal e coopera potencialmente para o futuro da sua cultura” (Vygotsky, 1978, cit. por Bahia, 2008: 142). Assim, a criatividade assume uma importância fulcral para fazer face aos obstáculos com os quais nos deparamos diariamente. E, apesar da criatividade ser intrínseca ao ser humano, a verdade é que os diversos sistemas educativos centrados na repetição, no método e na memorização, a podem limitar e ofuscar. Neste sentido, o desenvolvimento do potencial criativo e da

criatividade deve ser uma meta educacional prioritária, uma vez que possibilita a adaptação a novas situações, contextos e tarefas, ao gerar novas ideias que levam à descoberta de novos problemas e à sua resolução, num processo de promoção e assunção de novos papéis dentro do meio. O contexto escolar, quando ele próprio assume a importância do desenvolvimento criativo, através do apoio à expressão de ideias, motivando o interesse pelas aprendizagens, criando autonomia e estimulando a produção de ideias, revela-se um facilitador para o desenvolvimento da criatividade. Porém, apenas o poderá fazer quando se assume, e acredita que todos os agentes envolvidos nesse contexto têm potencial criativo. É necessário que os membros da escola, e em especial os docentes, os agentes educativos e as suas práticas sejam criativas, para que assim o processo educativo seja efetivo em termos de desenvolvimento do potencial criativo.

O docente assume-se como modelo de práticas e ações. Se a figura do docente for promotora de criatividade, não só influencia os alunos, como também os molda pelas suas expectativas e atuações, conhecimentos, atitudes, valores e competências. O incentivar e orientar os alunos na descoberta de informações adicionais aos assuntos lecionados ou do seu interesse, a divulgação dos trabalhos realizados pelos alunos ou a abordagem e discussão dos assuntos conectados entre si, são algumas das estratégias que o docente pode adotar na promoção da criatividade. Assim, considera-se a figura do docente uma premissa fundamental para estimulação da criatividade e para a construção de um contexto escolar que acredita, valoriza e promove a o potencial criativo dos seus alunos. Esta foi uma das premissas do projeto piloto “Estórias de ontem... Histórias de hoje”. E, se a escola pode e deve ser um facilitador da criatividade, também as famílias o devem ser. No entanto, e segundo Piaget (1954, cit. por Bahia, 2008: 137), as práticas criativas são “precocemente travadas pela família”. Estudos vários comprovam que o nível socioeconómico pode ser também condicionante para o desenvolvimento e estímulo do potencial criativo das crianças. Famílias pertencentes a níveis socioeconómicos mais elevados, com ambientes familiares mais estimulantes e pais inteligentes, podem cooperar para a manifestação de melhores níveis de criatividade. Já as crianças provenientes de níveis socioeconómicos mais desfavorecidos manifestam muitas vezes menor aptidão para a produção criativa. Na EB/JI FJS, durante o decorrer do projeto, privilegiámos e potenciámos o contacto da família com a escola. Primeiramente através da associação de pais, uma parceira de excelência para o projeto e, posteriormente pelos restantes pais e encarregados de educação que também participaram. A rede colaborativa que se criou em torno do projeto, potenciou não só o pensamento criativo como também, permitiu que

famílias menos presentes na educação dos seus educandos, percebessem a importância da sua presença e do seu acompanhamento na tarefa social que é educar. O contacto com a dimensão criativa e colaborativa do projeto, ajudou-os a perceber a necessidade de auxílio, incentivo, orientação e de proporcionar outro tipo de vivências relacionadas com as Expressões Artísticas. Os relatos das saídas ao fim de semana, para conhecerem os locais retratados nas lendas, foram a prova deste envolvimento familiar que, consequentemente auxiliou a que as crianças transportassem para os trabalhos realizados o que haviam experienciado em família.

Situações como estas permitem afirmar que os fatores sociais e culturais são relevantes para a produção criativa e para o desenvolvimento do pensamento criativo uma vez que este apenas acontece se estiverem reunidas as condições para tal.

#### **2.2.2. As Fases do processo criativo neste projeto**

De uma forma geral, as ideias criativas surgem de uma sucessão de pensamentos e ações efetuadas pela nossa mente, num esforço constante de improvisação e melhoramento com vista a um objetivo final. Está em causa um processo cognitivo que permite ser recetivo aos problemas, identificar as dificuldades, gerar múltiplas possibilidades para um determinado problema, testar as diferentes hipóteses e saber comunicar e avaliar os resultados. A ideia anterior está relacionada com as fases do processo criativo que segundo diversos autores surge também em quatro etapas fundamentais: a preparação, a incubação, a iluminação e a verificação, com uma ligação subjacentemente aos 4 p's da criatividade: a *pessoa* enquanto agente criativo numa constante interação com o *processo* criativo, com o *produto* e com o *meio potenciador* (Bahia, 2007: 32). A primeira etapa do processo criativo, *preparação*, exige um esforço intelectual e de capacidade analítica uma vez que obriga à formulação do problema, à procura e recolha de informações relevantes para a obtenção de uma perspetiva mais vasta sobre o mesmo, numa capacidade analítica e consciente do mesmo. Na segunda etapa, *incubação*, o problema e os dados recolhidos passam por um estado latente de amadurecimento. Numa fase pré-consciente, em que o afastamento intencional da tarefa surge como necessário, as ideias combinam-se entre si, dando origem a novos padrões e associações que ajudam à resolução do problema. A terceira fase, *iluminação*, corresponde ao aparecimento consciente, aparentemente repentino e inesperado da

solução para o problema. É nesta etapa que as ideias amadurecidas na etapa anterior tomam sentido, trazendo consigo uma sensação de satisfação e autoconfiança, também conhecida com momento *insight*, conceito desenvolvido em 1920 por Kholer, e que se traduz de forma simples e resumida como o momento em que “se faz luz”. A quarta e última etapa, *verificação*, é uma nova fase de trabalho consciente, onde a solução avançada na etapa da iluminação necessita de ser verificada e comprovada, no que à sua adaptabilidade diz respeito, solucionando o problema. Assim, potenciando condições no meio onde se move a pessoa, todo o processo criativo se torna mais fluído e, por consequência, mais rico e criativo. Como se de um ciclo vicioso se tratasse, o desenvolvimento do processo criativo é mais rápido e eficaz quanto maior e mais estimulante for o meio onde a pessoa se insere. É esta dimensão criativa que se pretende desenvolver com o projeto piloto “*Estórias de ontem... Histórias de hoje*”, numa relação estruturada e fundamental entre a *pessoa* como agente criativo, capaz de observar os estímulos externos que permitem a formulação do problema, sendo capaz de pensar e refletir de forma crítica e construtiva sobre ele encontrando respostas que tornará válidas para a concretização do seu produto final.

## Parte II – *Estórias de ontem... Histórias de hoje* - Estudo de caso

### Capítulo 3 – Caracterização do contexto escolar

#### 3.1.O concelho de Cascais

A EB/JI FJS situa-se em Cascais. O território ocupado pelo concelho fica situado a norte e a ocidente do Estuário do Tejo, entre a Serra de Sintra e o Oceano Atlântico. É limitado a norte pelo Concelho de Sintra a sul, e a ocidente pelo Oceano Atlântico e a oriente pelo concelho de Oeiras. Segundo dados recolhidos na Câmara Municipal de Cascais, a ocupação humana desta área remonta ao Paleolítico Inferior. Apresenta vestígios de ocupação romana, através de inscrições funerárias, de ocupação árabe, através dos topónimos da região como *Alcabideche* ou *Alcoitão*. Na segunda metade do século XII, Cascais era uma aldeia de pescadores e lavradores e o topónimo do seu nome parece derivar do plural de *cascal* (monte de cascas), acreditando-se que esteja relacionado com a abundância de moluscos marinhos aí existentes. Ainda assim, o território que atualmente alberga o concelho de Cascais era sobretudo habitado no interior, denunciando o domínio das atividades agrícolas e o receio dos ataques dos piratas mouros e normandos.

Em finais do século XIV, por deliberação do Rei D. Pedro I, Cascais foi elevado à categoria de Vila, com jurisdição cível e crime próprio. O movimento da baía de Cascais acentuou-se no período inicial dos Descobrimentos e Expansão Marítima, e em 1488, por ordem de D. João II, é edificada uma torre defensiva. Foi em Cascais que desembarcou Nicolau Coelho, o primeiro capitão da armada de Vasco da Gama a chegar da Índia, no intuito de se deslocar até Sintra para informar o monarca da boa nova. No ano de 1514 D. Manuel I concedeu o foral de vila a Cascais. Em 1580, tropas espanholas, sob o comando do Duque de Alba, desembarcaram em Cascais, conquistando a fortaleza e saqueando a vila. Consciente das deficiências defensivas da região, D. Filipe I mandou levantar a Fortaleza de Santo António do Estoril e abaluartar a antiga torre joanina de Cascais. A partir de 1859, com o início da construção da estrada que ligou a vila a Oeiras e, depois, da estrada até Sintra, Cascais liberta-se de uma certa estagnação territorial. Em 1870, Cascais assiste a uma viragem decisiva na sua história, quando o rei D. Luís escolheu a vila como sua “estância de banhos”, adaptando os aposentos do Governador da Cidadela a Paço Real. Esta decisão, estando diretamente ligada à melhoria das vias de comunicação, relacionou-se também com a localização privilegiada da vila em relação a

Lisboa e a Sintra, para além, claro, da sua beleza natural. Ao eleger Cascais para local de férias, D. Luís arrastou consigo a corte e a alta burguesia. Entre setembro e novembro os hábitos locais alteravam-se com a chegada dos veraneantes que conduziram à intensificação da vida social: dos banhos de mar às *soirées* e bailes no palácio real. Para receber tão ilustres visitantes, a vila viu surgir *chalets*, hotéis, restaurantes e locais de lazer, como o Casino da Praia. Este surto imprimiu um rápido desenvolvimento a toda a orla costeira e concelhia, coadjuvado pela inauguração do primeiro troço de caminho-de-ferro entre Cascais e Pedrouços. A opção pela neutralidade na Segunda Guerra Mundial e a proximidade em relação a Espanha, que vivia em plena Guerra Civil, tornou Portugal e em particular Cascais, um território seguro para milhares de refugiados e exilados, assumindo-se, então, como centro turístico de primeira ordem. Atualmente, com uma área de 97,1 km<sup>2</sup>, o concelho de Cascais é constituído por quatro freguesias: Alcabideche, Carcavelos e Parede, Cascais e Estoril e São Domingos de Rana e encontra-se inserido na Área Metropolitana de Lisboa (AML). A sua localização geográfica continua a manter Cascais como centro de recursos estratégicos para o desenvolvimento económico e social e cultural, conferindo-lhe condições privilegiadas para a constante melhoria da qualidade de vida dos seus habitantes. Ainda hoje Cascais continua a manter esta vocação de espaço de acolhimento, norteando a sua atividade turística e cultural pelos critérios de qualidade exigidos pelos seus frequentadores em grande maioria estrangeiros. Neste sentido, a Câmara Municipal de Cascais tem vindo a inovar no âmbito das políticas de integração de imigrantes, tentando cada vez mais assegurar condições para que tal aconteça de forma natural, procurando atender às necessidades das diferentes comunidades, numa lógica de contribuir para a coesão e inclusão social no concelho<sup>5</sup>. Segundo dados de *Plano Municipal para a Integração dos Imigrantes de Cascais* em 2013, Cascais surge como o 3º município com maior número de estrangeiros, correspondendo a 9,7% da sua população. Com forte presença da comunidade brasileira é também significativa a presença das comunidades de leste e, com menos expressão as comunidades africanas.

A CMC tem apostado fortemente no setor da cultura e educação, promovendo conferências, seminários e exposições nos diversos espaços culturais do concelho e a sustentabilidade política de uma escola inclusiva. Têm sido um parceiro fundamental para a concretização de algumas atividades desenvolvidas no âmbito do projeto “Estórias de

---

<sup>5</sup> Plano Municipal para a Integração dos Imigrantes de Cascais 2015-2017.



ontem... Histórias de hoje”, estando presente de forma direta nos apoios logísticos para as visitas de campo.

### **3.2. A freguesia de Alcabideche e a localidade da Amoreira**

Segundo Cardoso, *et al* (2009), Alcabideche foi habitada por povos de diversas culturas e origens, tendo sido particularmente marcante a presença da civilização árabe. Crê-se que o nome de Alcabideche deriva da palavra árabe “al-qabdaq” que significa "Fonte de Água" e há quem atribua a duas grandes fontes desta localidade virtudes medicinais. Nos finais do século XIX, a estrutura económica desta freguesia era essencialmente agrícola. O espaço rural era constituído por pequenas comunidades (aldeia/casal) caracterizadas por tipos de povoamento aglomerado e disperso. A maior concentração de moinhos de vento no concelho situa-se nesta freguesia. A primeira referência que se conhece sobre eles consta de um poema de origem árabe, do poeta Ibn Mucana, que dá nome ao Agrupamento de Escolas onde se insere a EB/JI FSJ. Atualmente é a maior freguesia do concelho de Cascais com 39,8 Km<sup>2</sup> e também uma das mais populosas com cerca de 32000 habitantes, segundo dados dos Censos de 2001. De local rural a pequena economia, transformou-se nos últimos anos, num espaço socio-territorial multifuncional, reforçado com a construção da autoestrada e o aparecimento das grandes superfícies comerciais.

É na freguesia de Alcabideche que se localiza a povoação da Amoreira onde se situa a escola de implementação do projeto piloto “Estórias de ontem....Histórias de hoje”. “O étimo do topónimo de Amoreira é sem dúvida de origem botânica. Esta povoação localizada entre Alcabideche, Estoril e Cascais, vê o seu território estender-se a norte, do Pinhal do Geraldo até ao Monte Estoril, a sul e a oriente até à Pedra Alta e a poente ao Alto dos Cucos, Cascais e Pai do Vento. Até à segunda década do século XX, os terrenos que compunham o espaço geográfico da Amoreira, eram maioritariamente agrícolas. Os seus habitantes dedicavam-se especialmente ao amanho das terras e, dada a proximidade com o mar, aos trabalhos marítimos. O lazer, como hoje, era uma parte importante da vida dos Amoreirenses. Os autores lembram que antes da criação do Grupo de Instrução Popular da Amoreira (GIPA), faziam-se bailes em casas particulares, ao som da concertina de algum músico da terra. Os mais conhecidos foram os “Bailes da Caganita” que adotaram este nome por se realizarem nos currais destinados a guardar as ovelhas. Para além do comércio local, foram criadas diversas instituições que permitiam

aos habitantes da Amoreira usufruírem de serviços que até então não se encontravam ao alcance. Nos últimos quinze anos transformou-se num dormitório da Grande Lisboa. A população desta localidade é constituída por pessoas provenientes de todas as partes do país. Para além disso também integra famílias oriundas de países do Leste e do Brasil. A população ativa ocupa-se sobretudo na área dos serviços de comércio e indústria hoteleira. Profundamente descaracterizada, esta população apresenta várias carências socioeconómicas e culturais. Denuncia situações de analfabetismo literal e/ ou regressivo bem como problemas de alcoolismo, toxicodependência, degradação familiar, maus tratos, habitação precária, entre outros. Atualmente é habitada por uma população que aqui vive e/ou apenas reside.

Faço aqui uma especial referência ao Grupo de Instrução Popular da Amoreira (GIPA) com o qual a EB/JI FSJ estabeleceu uma parceria importante para a concretização do presente projeto, não só através da cedência de instalações para a realização de algumas sessões da oficina de desporto mas, porque a oficina de Dança foi dinamizada pela sua atual presidente que simultaneamente se encarrega de coordenar o Rancho Folclórico da instituição (ver imagem 2, anexo 1). A coletividade foi chamada de Grupo de Instrução Popular – grupo para instruir o povo, porque a quando da sua formação, a população da Amoreira tinha crescido substancialmente devido à migração e, a quantidade de jovens sem acesso à escola começava a acentuar-se. Foi criada em 1 de maio de 1934 mas, por imposição do regime salazarista, apenas foi inaugurada no dia 2 de junho do mesmo ano. Para além do trabalho educativo realizado na escola, o papel no desenvolvimento cultural da povoação foi sempre uma prioridade. Eram realizadas atividades desportivas (ciclismo e ténis de mesa), culturais (biblioteca publica, bailes, cinemas e apresentações da banda do GIPA (ver imagem 3, anexo 1). A revolução de 25 de abril de 74 potenciou o desaparecimento do espírito associativista e o GIPA entrou em decadência. Hoje, continua de forma bastante humilde a fazer parte da vida dos habitantes da Amoreira.

### **3.3.O Agrupamento Escolas IBN Mucana**

A Escola Secundária IBN Mucana remonta ao ano de 1988 e foi construída por necessidade de serem alargadas as estruturas físicas que permitissem uma gestão mais equilibrada e uma melhor distribuição dos alunos do concelho. Inicialmente a localização para a construção da nova escola foi prevista na Amoreira, nome com que aparece nos

documentos oficiais e pelo qual ficou conhecida durante muito tempo - Escola Secundária da Amoreira. No entanto, as dificuldades na expropriação dos terrenos para a referida construção, levou a que a escola fosse construída na sua localização atual, na Rua do Pombal, em Alcabideche. Devido à alteração de localização e toda a envolvência histórica do local, a 15 de outubro de 1991, passou a designar-se Escola Secundária Ibn Mucana. Com a reestruturação da rede escolar durante o XVIII Governo Constitucional, foi constituída como Agrupamento englobando as escolas do 1º CEB da região de Alcabideche, das quais fazem parte a EB/JI FJS, escola de implementação do projeto “Estórias de ontem... Histórias de hoje” (ver imagem 4, anexo 1).

Com uma direção bastante dinâmica e que acredita na importância da inclusão das Expressões Artísticas nas práticas efetivas do currículo como potenciadoras e promotoras de sucesso escolar, o apoio ao projeto é total. Tem havido um trabalho de parceria constante quer no apoio educativo, quer na promoção de atividades relacionadas com as Expressões Artísticas tais como os seminários e workshops desenvolvidos na Escola em articulação com a oficina de música (ver imagem 5, anexo 1).

### **3.4. A EB/JI Fernando José dos Santos**

A escola onde o projeto piloto “*Estórias de ontem... Histórias de hoje*” foi implementado chamava-se Escola Básica 1 (EB1) da Amoreira. Começou por funcionar nos anos 70 numa escola do plano centenário onde atualmente fica a Escola Profissional de Teatro de Cascais. Na década 80 foi construído, na Rua Manuel Ambrósio dos Santos, atual localização, um edifício composto por 5 salas de aula, um ginásio e uma cozinha com área de refeições. O recreio era de terra batida espaçoso, com um campo de futebol e outros espaços de lazer, sendo o horário de funcionamento em regime duplo. Na década de 90 surgiu o serviço de ATL gerido e coordenado pela associação de pais no horário pós tempo letivo. Este edifício funcionou enquanto escola cerca de 20 anos sendo encerrado por orientação da Proteção Civil após avaliação das condições de segurança do edifício. A população escolar foi deslocada provisoriamente cerca de ano e meio para a Fundação do Século situada em S. Pedro do Estoril entre os anos 2000/2002. A construção da escola atual só foi possível com a persuasão dos docentes, da associação de pais e da Junta de Freguesia de Alcabideche. No ano de 2002 foram iniciadas as obras do atual edifício. Correndo o ano de 2003, numa iniciativa da Câmara Municipal de Cascais, como forma de homenagear os impulsionadores das atividades culturais da Amoreira, passou a

chamar-se Escola Básica Fernando José dos Santos (EBFJS). O ano letivo de 2014/2015 trouxe o início de diversas mudanças estruturais na escola. A vontade de criar uma turma de Jardim-de-infância, e o melhoramento do ludo biblioteca levaram a que fossem realizadas obras. Atualmente é composta por cinco salas de aula distribuídas pelos dois pisos, uma sala CAF (Componente de Apoio à Família), uma sala TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação), uma sala de apoio, uma ludo biblioteca, um ginásio, uma sala de professores, um refeitório e instalações sanitárias femininas e masculinas. Possui dois espaços de recreio, um interior e outro exterior onde se localiza o campo de futebol. Após a abertura do Jardim-de-infância no ano de 2015/2016 passou a chamar-se Escola Básica com Jardim de Infância Fernando José dos Santos (EB/JI FJS) (ver imagem 6, anexo 1). Apresenta-se como uma escola dinâmica e construtora de aprendizagens valorizando as opiniões dos intervenientes da comunidade escolar. As atividades são largamente divulgadas à comunidade através de projetos como o “Estórias de ontem...Histórias de hoje”, que aqui se apresenta e também nas redes sociais através do blog - <http://ibn-ebfjs.blogspot.pt> e o facebook- <https://www.facebook.com/EBFJS>.

### **3.5. A comunidade escolar da EB/JI Fernando José dos Santos**

#### **3.5.1. Alunos**

No ano letivo a que se refere o estudo, frequentam a EB/JI FJS 132 alunos, com idades compreendidas entre os 4 e os 10 anos e distribuídos pelos seguintes anos de escolaridade, os seguintes números de alunos:

Jardim de Infância – 26 alunos

1º ano – 26 alunos

2º ano – 26 alunos

3º ano – 28 alunos

4º ano – 26 alunos

São, no geral, alunos motivados e expectantes relativamente às dinâmicas da escola. Sentem e vivem a escola como uma segunda casa e um espaço onde, à parte das aprendizagens que realizam, podem expressar as suas opiniões e desenvolver o seu sentido crítico, criativo, estético e colaborativo. A implementação do projeto possibilitou uma menorização substancial dos problemas comportamentais existentes. O sentido de

responsabilidade e empenho que todos e cada um colocaram na realização das atividades foi sem dúvida um ponto forte para este aspeto.

### **3.5.2.Docentes**

O Corpo docente que constitui a EB/JI FJS é composto por cinco professoras titulares de turma, pertencendo três aos Quadro de Agrupamento e as outras duas ao Quadro de Zona Pedagógica. Uma docente possui uma licenciatura na educação pré-escolar e quatro docentes possuem a licenciatura em Ensino Básico, sendo que duas com a variante de Educação Musical e Educação Visual e Tecnológica. De espírito crítico, construtivo e a vontade de fazer mais e melhor, o corpo docente desta escola acredita que a valorização das artes no currículo e a constante articulação com as restantes áreas disciplinares é sem dúvida uma mais-valia e uma ação promotora de sucesso. O paradigma de uma escola que vive das regras rígidas da memorização em prol da compreensão e da experimentação não se enquadra em nada na realidade escolar que se desenvolve e vive na EB/JI FJS e, apesar das características que distinguem cada docente, o sentido colaborativo já existente em anos anteriores, foi ainda mais desenvolvido depois da implementação do projeto “*Estórias de ontem... Histórias de hoje*”.

### **3.5.3.Pessoal não docente**

O pessoal não docente da EB/JI FJS é constituído por quatro assistentes operacionais. Três acompanham e apoiam os alunos do 1º CEB e a quarta assistente operacional acompanha os alunos do Jardim de Infância. De referir ainda a coordenadora da CAF e duas monitoras que acompanham os alunos nos horários das entradas e saídas da escola. São um pilar fundamental no funcionamento da escola. As monitoras da CAF participam ativamente no projeto através da lecionação de algumas oficinas do projeto, apoiando o corpo docente e os alunos que dela fazem parte.

### **3.5.4.Pais e Encarregados de Educação**

A comunidade educativa é composta por vários atores e agentes locais e onde a escola se inclui e se destaca em primeiro plano. Com ela (escola) interagem as instituições

e associações locais e as instituições municipais, Câmara Municipal e Junta de Freguesia, ligadas entre si por relações de parceria, de programas e protocolos de colaboração. Estas parcerias revelam-se bastante contributivas na construção de um espaço educativo coerente e harmonioso, pelo envolvimento constante dos atores que integram e interagem nesse espaço, potenciando a exploração de manifestações culturais relevantes. Para além disso, também a família representa um papel fulcral em todo o processo educativo da criança pois assume-se como um pilar fundamental no processo de ensino aprendizagem. Os pais dos alunos da EB/JI FJS apresentam um nível socioeconómico médio. As suas habilitações literárias situam-se entre o ensino secundário e superior. Revelaram-se no geral, bastante ativos e disponíveis para participarem nas atividades escolares e no acompanhamento das aprendizagens escolares dos seus educandos. Pelo projeto educativo e dinâmica da escola, os pais da EB/JI FJS depositaram uma confiança extrema no trabalho desenvolvido pelas docentes e técnicos da escola no âmbito do projeto “Estórias de ontem...Histórias de hoje”, integrando-se e participando ativamente no mesmo. Outro fator fundamental para o crescimento e envolvimento da comunidade educativa geral passa pela existência de uma associação de pais consistente e participativa que, não só facilita como também potencia este processo.

Na EB/JI FJS a Associação de Pais assume-se como o principal parceiro no desenvolvimento das atividades relacionadas com o presente projeto. Com um cariz forte e determinado, a Associação de Pais da EB/JI FJS assumiu o papel de coordenação e contratação dos respetivos docentes e técnicos para as lecionarem, numa parceria direta e coadjuvante com a Câmara Municipal de Cascais e a Junta de Freguesia de Alcabideche. Foram promotores de diversas iniciativas, levadas a cabo no espaço da escola e no decorrer do ano letivo, numa parceria constante e gratificante com o corpo docente. As verbas conseguidas foram determinantes para auxiliar a escola na sua manutenção, melhoramento e na aquisição de materiais/recursos fundamentais ao bom funcionamento das AEC. A iniciativa “Música para Todos” levada a cabo pela Associação de Pais possibilitou a compra de alguns instrumentos musicais para o uso na oficina de Música Fora da Caixa (ver figura 8, anexo 1). Pelo seu envolvimento e espírito colaborativo a Associação de Pais da EB/JI FJS foi e continua a ser o parceiro fundamental na concretização dos projetos da escola e sem o qual tudo seria certamente mais difícil de alcançar.

## Capítulo 4 – Apresentação do projeto

O Projeto Piloto de Expressões Artísticas “Estórias de ontem... Histórias de hoje” em implementação no ano letivo de 2015/2016, na EB/JI FJS, apresenta um caráter *sui generis* não só pela sua estrutura mas também por toda a dinâmica de metodologia, trabalho e recursos envolvidos. De forma ambiciosa e com a convicção de que a educação básica das crianças deve passar por algo mais do que apenas as questões avaliativas e a aquisição de conteúdos que, sendo fundamentais, são apenas uma parte de todo o desenvolvimento cognitivo, pessoal, social e cívico dos alunos, o projeto piloto “Estórias de ontem...Histórias de hoje” não pretende ser apenas mais uma reflexão ou tentativa de fazer valer a máxima *pela arte também se educa*. Será expectável que o leitor, que agora lê estas linhas, encare o projeto piloto “Estórias de ontem...Histórias de hoje” como mais um a ser desenvolvido dentro dos moldes de tantos outros projetos de Expressão Artística existentes. Destaca-se o projeto desenvolvido pelo CUEA, *Educação Artística para um Currículo de Excelência*, apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian em 2014, ou o projeto piloto *Mussi*, coordenado pela Professora Doutora Maria de São José Corte-Real e apoiado pela fundação para a Ciência e da Tecnologia e pela Fundação Belmiro de Azevedo e pela Câmara Municipal de Loures entre nos anos de 2004 e 2008 que, com todo o mérito foram e continuam a ser uma contribuição fundamental para o pensamento das questões relacionadas com papel das Expressões Artísticas no 1º CEB, e uma contribuição fundamental para o desenvolvimento humano dos alunos que tiveram o privilégio de os integrar. A estrutura base é certamente semelhante e o objetivo final e, sem dúvida o mesmo, educar com e pela arte, desenvolvendo criatividade apurando o sentido colaborativo e, acima de tudo a promover a aquisição de competências e capacidades fundamentais à construção identitárias das crianças, valorizando o património local e cultural através da integração intercultural na comunidade. A diferença reside porém, nos recursos utilizados que, apesar das recomendações do roteiro da 1ª Conferência Mundial da UNESCO sobre Educação Artística no que à formação dos professores e técnicos diz respeito, não foram possíveis de ser concretizados na sua totalidade, nos moldes previstos no referido roteiro.

As políticas educativas atuais, potenciaram a redução drástica do número de horas atribuídas às disciplinas artísticas no segundo e terceiro ciclos e por isso, os docentes encontram-se com horários de componente letiva reduzidos incorrendo no risco de serem colocados no desemprego. Seriam esses docentes, portadores de formação especializada,

ao contrário do docente do primeiro ciclo, uma mais-valia para o trabalho de articulação curricular e coadjuvância abrindo assim o caminho para um trabalho mais cooperativo, articulado e sustentado entre ambos, com ganhos significativos nas aprendizagens dos alunos. Mas, apesar das inúmeras tentativas de utilização dos recursos humanos do agrupamento, não foi possível fazer valer a situação anterior. Recorremos então aos recursos disponíveis na EB/JI FJS. Embora a maior parte dos docentes e técnicos apresente formação dentro das áreas em que desenvolvem o trabalho, outros há que apenas se fazem valer da sua experiência e anos de trabalho dentro da área. Por outro lado, e tendo em conta que a Educação Artística deve também ter como ponto de partida “a(s) cultura(s) a que a criança pertence”<sup>6</sup>, e sendo um projeto que vive de forte contribuição da comunidade educativa, a parceria estabelecida com pessoas e entidades exteriores à escola foi muito bem aceite e valorizada.

O projeto piloto “*Estórias de ontem... Histórias de hoje*” foi pensado para desenvolver a área das Expressões Artísticas constantes do currículo. A primeira estruturação recaía apenas no desenvolvimento de atividades relacionadas com a música, a dança, a plástica e o drama. Seria lecionado pelas docentes da escola e, seguindo as orientações do Projeto Educativo de Agrupamento (PEA), deveria trabalhar estas áreas interligadas com os aspetos relacionados com a cultura portuguesa. A ideia de estudar as lendas de tradição oral assim como os aspetos culturais que a ela estão associados, transpondo-as para a realidade atual pareceu-nos um ponto de partida interessante e aliciante. Partindo dos textos originais do livro “Lendas de Portugal” de Gentil Marques, pretendia-se que as crianças fossem capazes de interpretar, interiorizar e descobrir as representações musicais, plásticas e de expressão corporal contidas nas mesmas. As atividades desenvolvidas com base na lenda original eram realizadas e organizadas a partir das ideias e sugestões dos alunos e culminavam na transformação da lenda numa representação artística (uma música, uma dança, uma dramatização ou trabalhos de expressão plástica) que espelhasse a realidade atual, numa linguagem familiar aos atores do projeto e que posteriormente possibilitassem uma apresentação à comunidade educativa. Todas estas atividades seriam realizadas durante o período letivo, nas três horas curriculares destinadas às Expressões Artísticas. Rapidamente constatámos que esse tempo era manifestamente insuficiente para um desenvolvimento consistente de todo o processo, apesar da articulação com as restantes áreas curriculares. Uma outra questão

---

<sup>6</sup> Roteiro para a Educação Artística da UNESCO (2006: 10).



que se levantou foi a não continuidade do trabalho nas horas das AEC. A quebra que se sentia entre o tempo curricular e as AEC era facilmente constatada pelo comportamento e frustração da maioria dos alunos. A sua postura nestas horas revelava-se completamente diferente da postura que mostravam em período curricular, através da indiferença e desinteresse nas atividades realizadas e pelo não reconhecimento de autoridade por parte dos técnicos que lecionavam as AEC. Esta situação havia já sido diagnosticada na escola em anos anteriores e era eminente a necessidade de mudança. Assim, tendo por base o projeto inicial, resolvemos prolongar sob a forma de oficinas de trabalho, as atividades realizadas no período curricular. A estruturação do seu funcionamento foi complexa e teve que ser reajustada várias vezes ao longo do ano. Num trabalho de constante pesquisa-ação, observando, analisando e ouvindo as opiniões de todos os intervenientes, conseguiu atingir-se um equilíbrio saudável, contruir-se uma rede colaborativa e criar-se uma nova dinâmica de escola que, para além de ter promovido o sucesso escolar tão exigido por parte dos órgãos diretivos do agrupamento, auxiliou e potenciou o sentido estético, crítico e criativo através do crescimento social, cívico e cultural de cada um.

Pela forte carga participativa e colaborativa que fomos sentindo por parte da comunidade envolvente, o projeto acabou por tomar proporções para além das áreas da música, da plástica, da dança e do drama. Foi curioso perceber que, de forma descontraída, a ideia transpôs os muros da escola, foi recebida pela comunidade local com agrado e despertou a vontade de colaborar, fazendo também muitos deles, parte do projeto. Estou em crer que esta situação só ocorreu motivada através das palavras das crianças. Talvez a forma como falaram da dinâmica que estava a ser criada e das próprias atividades realizadas, tenha despertado a vontade, junto dos pais, encarregados de educação e restante comunidade educativa para conhecer melhor e contribuir ativamente para o crescimento do projeto. Por outro lado, acredito também que a posição geográfica da escola e o facto de se encontrar localizada na pequena povoação da Amoreira, rodeada de serviços e entidades locais quase “caseiras” e “familiares”, facilitou a divulgação do projeto. Mais ainda, os encarregados de educação que, de tanto ouvirem os seus educandos falar sobre o projeto, se viram também eles a partilhar essas experiências com outras pessoas. Em pouco tempo, tivemos várias propostas de atividades a desenvolver nas oficinas, às quais fomos incapazes de dizer que não. E embora tenha descaracterizado o projeto inicial, uma vez que abrangeu mais do que apenas a música, a dança, o teatro e a plástica, acreditamos que o contributo social e cultural foi bastante enriquecedor para ambas as partes

#### 4.1. Pressupostos do projeto

As expressões artísticas são usadas pelas crianças de muitas formas, permitindo o crescimento da própria identidade, favorecendo a formação e desenvolvimento harmonioso da sua personalidade, podendo assumir várias funções que se interligam, possibilitando mecanismos de libertação emocional para grupos de indivíduos que se relacionam entre si (Merriam, 1964). Aceitando como pressuposto principal essa libertação, o presente projeto assenta na ideia de que as Expressões Artísticas são áreas fundamentais ao desenvolvimento cognitivo, cultural e social do ser humano e das crianças em particular, revelando-se um veículo facilitador da inclusão, até em ambientes escolares mais problemáticos. Através das Expressões Artísticas, as crianças podem desenvolver o sentido estético, a comunicação, estreitam laços afetivos e integram-se socialmente em conformidade com as normas, validando questões de caráter cultural. Também pela sua capacidade terapêutica, consegue-se através das Expressões Artísticas, transformar comportamentos, definir mentalidades e potenciar momentos criativos e de partilha. Para além da escola, as artes deveriam estar acessíveis às crianças através das suas famílias, situação que nem sempre se verifica. Assim, outro pressuposto da implementação do projeto passou, como já foi referido anteriormente, pela interação com as famílias, como forma de desenvolver e consolidar aprendizagens nos diversos domínios e espaços.

No projeto piloto *“Estórias de ontem... Histórias de hoje”*, as Expressões Artísticas são vistas como complemento fundamental para o desenvolvimento das aprendizagens das outras áreas curriculares e não curriculares, revelando-se uma influência positiva e motivadora nos alunos e na equipa técnica das diferentes áreas do saber, que com eles interagem. Com o propósito de que todos os alunos aprendem através da envolvimento e da experimentação, a aprendizagem de factos deve ser encarada como um treino da mente para o pensar. Neste sentido, o projeto piloto *“Estórias de ontem...Histórias de hoje”*, implementado na EB/JI FJS, é encarado como uma contribuição fundamental para o treino do pensar. Seguindo as diretrizes do Projeto Educativo de Agrupamento (PEA), do Projeto Curricular de Agrupamento (PCA) e a máxima do agrupamento “Melhorar o Desempenho, Promover o Sucesso, Aprender Mais,

Aprender Melhor”, o referido projeto propõem-se dar continuidade aos eixos do Plano Estratégico de Melhoria do Agrupamento<sup>7</sup>.

Foi feita uma abordagem à cultura portuguesa, prevista no PEA e no PCA, através das diversas vertentes das Expressões Artísticas e em constante articulação com o Currículo do 1º CEB e as Orientações Curriculares do Pré-Escolar. Para além da comunidade educativa nomeadamente, docentes, não docentes, técnicos educativos, alunos e encarregados de educação, o projeto é abraçado por outros intervenientes institucionais ativos como a Câmara Municipal de Cascais (CMC), a Junta de Freguesia de Alcabideche (JFA), associações e serviços locais, com o intuito de construir uma escola participativa e interventiva na sociedade e na sua mudança, através da preservação dos seus valores, da mobilização de saberes culturais e científicos, auxiliando o desenvolvimento do pensamento criativo e estético nas diversas Expressões Artísticas e na construção social, cultural e pessoal dos alunos (ver imagem 9, anexo 1).

#### **4.2.Organização e funcionamento do projeto**

O projeto piloto “*Estórias de ontem... Histórias de hoje*” concebido para desenvolver as Expressões Artísticas no horário curricular do 1º CEB expandiu-se, englobando o tempo das AEC e contou com o envolvimento dos 132 alunos da escola.

---

<sup>7</sup> O Plano Estratégico de Melhoria do Agrupamento, para o triénio 2014 - 2017, insere-se numa estratégia de ação de melhoria continuada, com o enfoque no reforço e na consolidação das práticas, na definição de estratégias e planos de ação consistentes que promovam uma melhoria dos processos de desempenho e dos resultados escolares. A elaboração e definição deste plano de melhoria teve como referência chave, o relatório da avaliação externa da Inspeção Geral da Educação e Ciência (IGEC), cuja intervenção decorreu entre os dias 28 e 31 de janeiro de 2014 e, ainda, os seguintes indicadores de análise: o Projeto Educativo do Agrupamento; o Relatório de Autoavaliação 2012/13 – Diagnóstico Organizacional; o Plano de Intervenção da Diretora e o Projeto Curricular do Agrupamento. Neste contexto, foram definidos quatro eixos de intervenção – Integração Curricular das Medidas de Apoio ao Sucesso; Produção de Conhecimento e Sistematização das Práticas Pedagógicas Orientada para os Resultados; Eficácia na Produção do Sucesso Educativo; Acompanhamento e Supervisão da Prática Letiva. As medidas apresentadas foram integradas no planeamento estratégico do Agrupamento, servindo de suporte estruturante para a elaboração do Plano Anual de Atividades 2014/2015. Constituem, ainda, indicadores operacionais para que os órgãos de gestão, os departamentos curriculares, as áreas disciplinares, e os conselhos de turma, organizem o seu trabalho de reflexão, de planeamento e de definição dos respetivos planos de ação. Assim, o presente Plano Estratégico de Melhoria orienta-se para melhorar os processos e os resultados da ação educativa e subsequentemente o desempenho do Agrupamento, contribuindo para uma maior qualidade, eficiência e eficácia do mesmo.

No decorrer do projeto, foram desenvolvidas 30 oficinas, em torno de áreas não apenas relacionadas com as Expressões Artísticas, repartidas pelas sete etapas mensais do projeto, com uma lenda portuguesa a servir de mote ao início de cada etapa. O trabalho realizado durante as etapas resultou da articulação da componente curricular com a não curricular. Envolve formadores de 3 proveniências: docentes da escola, professores das AEC, técnicas da CAF (integradas no Projeto *Escola por Inteiro*, tutelado pela CMC) e a Associação de Pais EB/JI FJS. Foi construído um painel explicativo do projeto que ficou exposto na escola para consulta de todos os intervenientes (ver figura 10, anexo 1).

Cada etapa iniciou com uma Assembleia de Escola (ver figura 11, anexo 1) onde se apresentaram a lenda e as respetivas oficinas a desenvolver e se avaliou a etapa anterior (ver figura 12, anexo 1). Esta apresentação da lenda ficou sempre a cargo das docentes titulares de turma e das técnicas da CAF que, em reunião prévia decidiram a forma como esta seria dada a conhecer às crianças; através de uma música; uma dramatização ou apenas pelo reconto e leitura (ver figura 13, anexo 1).

A divisão dos alunos pelas oficinas foi sempre realizada após cada uma das Assembleias de Escola. A cada turma foi atribuída uma cor e para cada aluno foram feitos cinco cartões com a sua fotografia. De forma livre os alunos assinalaram a sua escolha em documento de registo próprio individual e colando a sua fotografia num cartaz comum que ficou exposto na escola, durante o tempo da etapa (ver figura 14 e 15, anexo 1). A liberdade de escolha nas oficinas deu origem a grupos de trabalho heterogéneos que se revelaram bastante enriquecedores, quer ao nível pessoal quer ao nível de produção artística. No entanto, a escolha das oficinas nem sempre foi consensual. Dada a diversidade de oficinas e tendo em conta a pouca experiência pedagógica de alguns agentes externos, decidiu limitar-se o número de alunos em cada uma. Para tal, foi colocado um sinal de stop no final da linha correspondente à oficina, indicando que não podia haver mais inscrições (ver figura 16, anexo 1). Esta decisão trouxe algumas situações de pouco consenso, especialmente quando havia vários alunos a quererem escolher essa oficina. Com a duração de 60', as oficinas foram lecionadas pelos docentes da escola no horário curricular, nas horas dedicadas às Expressões e pelos técnicos colaboradores do projeto, no horário das 16:30 - 17:30, correspondente às AEC.

Algumas oficinas relacionadas com as áreas das Expressões Artísticas lecionadas pelos docentes e técnicos colaboradores do projeto mantiveram-se durante todo o ano letivo: Música Fora da Caixa, Desporto, Mãos à Obra, Formigueiro, entre outras. As oficinas lecionadas pelos agentes exteriores à escola duraram apenas o tempo de uma

etapa, quatro semanas, ou mesmo apenas uma sessão como foi o caso do músico da OSP (Orquestra Sinfónica Portuguesa) do arquiteto, do arqueólogo, entre outros. Em alguns casos, o interesse dos alunos foi tão grande que as oficinas se repetiram por várias etapas como aconteceu com a oficina de Dança. Curiosamente, alguns alunos de terceiro e quarto ano expressaram interesse em dinamizar algumas oficinas (Origami e Contos), realizadas nas últimas semanas de aulas. Este aspeto revela detalhes de colaboração, criatividade e desenvolvimento educativo da criança que ultrapassaram as expectativas iniciais da organização do projeto.

No presente trabalho de projeto opto por referir apenas 15 oficinas pelo impacto que tiveram junto dos intervenientes. Em cada uma farei referência a aspetos de organização e atividades desenvolvidas e ainda alguns detalhes curiosos.

### **Música Fora da Caixa**

A oficina de música denominou-se *Música Fora da Caixa* e foi dinamizada por mim. Foi realizada em horário letivo na hora de Expressão Artística contemplada no tempo curricular para o efeito. Os alunos aderiram livremente como nas restantes oficinas, e o grupo atingiu a participação mais expressiva do projeto: 63 participantes. As duas horas semanais foram equitativamente dedicadas, uma ao 1º CEB e outra ao JI.

Respeitando o princípio da pedagogia ativa, o aluno foi sempre estimulado a escutar, experimentar e participar nas atividades. A existência de alguns recursos, nomeadamente instrumentos de pequena percussão, auxiliou e aliciou os alunos à participação ativa e à interpretação de peças musicais de curta duração. Foram trabalhadas competências rítmicas através da imitação/reprodução e pergunta/resposta com palmas, batimentos corporais (pés, pernas palmas, clics), dinâmicas de andamento (*acelerandos*, *ritardandos*), improvisações e jogos de atenção/concentração. A nível vocal os alunos puderam explorar as potencialidades das suas vozes recorrendo à variação tímbrica, à interpretação de canções tradicionais portuguesas como por exemplo: *a Zabelinha*, *o Papagaio Louro* ou *o Regadinho*, de outras culturas: *Ging gang gooli*, tradicional Americana ou *o Tum tum piscatum*, tradicional do Brasil, e do seu universo musical: *Sorri* do músico D8 (ver anexo 2). Treinámos aspetos técnicos de respiração e memorização de excertos musicais, cantaram a solo, em grupo e a duas vozes.

Esta oficina deu origem ao Coro da EB/JI FJS, com uma dinâmica bastante ativa nos meios da comunidade educativa e local, representando a escola junto das entidades

parceiras, na festa de final de período e em trabalhos de articulação com algumas oficinas do projeto, nomeadamente a oficina de teatro. A participação no coro apenas contou com a vontade da cada criança não tendo sido feitas escolhas pela sua capacidade de afinação. De forma despretensiosa, quisemos dar a hipótese a todos de participarem e vivenciarem a experiência de cantar em grupo. Na Festa de Natal da escola cantaram as 63 crianças de 1º CEB e JI, entoando canções alusivas à época: o *Natal de Elvas*, a *Rena Rodolfo*, a *Miscelânea de Natal*, o Natal Africano (ver imagem 17, Anexo 1).

O trabalho de articulação entre as áreas curriculares e as etapas do projeto foi constante. Exemplo disso foi a criação de uma dramatização musicada com base na lenda das “Obras de Santa Engrácia” intitulada “Estou Inocente” (ver vídeo no CD de anexos), apresentada à comunidade na Sessão Solene comemorativa da Semana do Patrono do Agrupamento. As letras das músicas foram criadas a partir do reconto escrito da lenda, realizado pelos alunos na oficina *Escrita Retorcida*. A criação de cenários ficou a cargo dos alunos e técnicos das oficinas *Mãos à Obra* e *Formigueiros*, direcionadas para a expressão plástica e o ensaio cénico a cargo da oficina de teatro. Valorizo aqui a disponibilidade de todos os intervenientes diretos e indiretos na concretização dos trabalhos apresentados à comunidade. Só a compreensão e o acreditar na validade do projeto como potenciador de sucesso escolar, possibilitou as horas extra de ensaios necessárias à concretização deste trabalho. A apresentação pública no Auditório da Sra da Boa Nova no Estoril revelou o empenho e dedicação dos alunos e foi bastante elogiada no meio da comunidade educativa da escola (ver imagem 18, anexo 1). Não sendo a primeira vez que subiam ao palco para uma apresentação deste género, foi muito curioso constatar o nervosismo das crianças que se expressou através de expressões como “professora, estou com medo de me esquecer o que tenho para cantar”.

Integrada também nesta oficina, foi possível estabelecer uma parceria com a APEM e o Cantar Mais que, realizaram um workshop para todos os alunos da escola, docentes e técnicos do projeto, abrindo portas também à comunidade (ver imagens 19 e 20, anexo 1). Foi curioso perceber através da postura das crianças que as atividades serviram como validação das aprendizagens realizadas durante a oficina tendo sido interpretadas músicas já trabalhados no âmbito da mesma. No entanto, as crianças reagiram de forma bastante positiva como se assim pudessem mostrar como sabiam fazer bem algo que já haviam aprendido, manifestando esse agrado no seu diário gráfico (ver imagem 21, anexo 1). Foi notório o envolvimento e participação ativa das crianças e o consequente desenvolvimento do seu sentido crítico, estético e musical. No decorrer do

ano letivo foi possível perceber um aumento substancial do poder criativo e colaborativo de cada um, através das suas atitudes e postura perante os desafios artísticos lançados.

As saídas de campo/visitas de estudo permitiram um contacto direto com a realidade musical e potenciaram as aprendizagens efetuadas. Destacam-se os concertos da Orquestra de Câmara Cascais/Oeiras, no Auditório da Sra. Da Boa Nova no Estoril, onde assistiram à interpretação da obra “O Pedro e o Lobo” de Prokofiev (ver imagem 22, anexo 1), a ida ao Teatro Nacional de São Carlos (TNSC) onde, para além da visita à sala principal do teatro (ver imagens 23 e 24, anexo 1), assistiram ao ensaio da Ópera “Nabucco” de Verdi, e a visita ao Museu da Música em Lisboa.

Com os alunos do JI, para além das atividades musicais já referidas foi também dinamizada uma mini oficina de construção de instrumentos musicais recorrendo ao uso de materiais recicláveis (ver imagem 25, anexo 1).

## **Teatro**

“Imaginemo-nos à deriva numa jangada, sem salvação aparente, onde quatro pessoas terão de sacrificar um elemento do grupo para sobreviver. Sermos um marinheiro parece ser a escolha mais inteligente, passamos a ser o elemento mais importante do grupo, até que um livreiro que estava também na jangada conseguiu provar o contrário e ocupar o seu lugar. O marinheiro é então atirado borda-fora. Tubarões esfomeados acabam por se vingar no marinheiro, mas em vez de dentadas, fazem cócegas. Tudo a partir da simples premissa “A jangada está demasiado pesada. Quem sai?” Este foi um dos exercícios realizados no âmbito desta oficina. Aqui não houve espaço para o certo e para o errado. As coisas são como são, e temos de aprender a lidar com elas e tentando fazer as melhores escolhas.

Sendo as crianças uma fonte de energia e criatividade inesgotável conseguiu-se, através de jogos tradicionais e de improvisos simples, que percebessem que todos temos espaço num grupo de trabalho ou num grupo de amigos. Este trabalho realizado possibilitou aos alunos um conhecimento mais abrangente do corpo e do espaço, ativando-lhes o pensamento crítico e criativo e um desenvolvendo-lhes a linguagem e da imaginação. Possibilitou e facilitou também o trabalho de parceria com a oficina Música fora da Caixa, aquando da preparação da dramatização musicada “Estou Inocente”, apresentada na sessão solene do agrupamento.

Mais do que tornar as crianças em atores, a oficina de teatro pretendeu dar ferramentas cognitivas que auxiliassem as crianças no seu crescimento pessoal.

A oficina de teatro foi orientada por um aluno da Escola Superior de Teatro e Cinema, que desenvolveu simultaneamente trabalho de animador cultural com as crianças do Jardim de Infância.

### **Dança**

A oficina de *Dança* foi orientada por uma encarregada de educação que é simultaneamente a presidente do GIPA que, como referido, tem uma grande expressão no contexto social e cultural da localidade onde a escola está inserida. A animação desta oficina faz assim jus às parcerias e trabalho colaborativo com a comunidade local. O trabalho realizado por esta encarregada de educação centrou-se quase exclusivamente nas danças de cariz popular nomeadamente do folclore da região como o *Bailarico Saloio* (ver imagem 26, anexo 1). À parte do trabalho prático de movimento e coordenação motores, foi desenvolvido um trabalho de pesquisa sobre as danças aprendidas numa articulação constante com os saberes das outras áreas (Estudo do Meio, Português, Matemática e Formação Cívica). Com a Matemática, por exemplo relacionou-se através dos conceitos de lateralidade (esquerda, direita, meia volta, volta completa) e dos conceitos de geometria (figuras geométricas e linhas paralelas, perpendiculares...). Com o Português, por exemplo, através de trabalho de pesquisa escrito sobre o folclore da região. De realçar que esta oficina estava prevista ter apenas a duração de uma etapa, ou seja quatro semanas. No entanto, a participação, motivação e os pedidos constantes das crianças obrigou a que a mesma se prolongasse até ao final do ano letivo. Esta não foi situação única. Também a oficina de *Flores*, da qual farei referência mais à frente, foi prolongada até ao final do ano letivo. Uma palavra de apreço aos encarregados de educação que deixaram os seus trabalhos para poderem marcar presença, de forma voluntária na escola, colaborando ativamente no projeto.

Num âmbito mais intercultural, recorrendo também a outros encarregados de educação, foi possível, nesta oficina, que os alunos ficassem a conhecer danças de outros países nomeadamente de Cabo Verde (Funaná) e da Moldávia (Kalinka). Para que a oficina atingisse os seus objetivos, foi feito um trabalho de preparação prévio com os professores titulares, com vista à articulação de saberes e competências. De um modo geral, esta oficina possibilitou aos alunos um conhecimento do seu corpo e da sua



capacidade expressiva e comunicativa, num desenvolvimento constante da criatividade e do sentido estético.

### **Cri'ativos; Formigueiros; Imagina e Faz; Mãos à Obra**

As oficinas de Expressão Plástica permitiram igualmente a ampliação do sentido estético, crítico e criativo dos alunos que passa por um trabalho de observação e compreensão que culmina na exteriorização do que é observado. Na expressão plástica, esta exteriorização criadora está associada a um conceito de autonomia, de saber fazer, de saber ser, de saber pensar e de saber agir e é conseguida através da manipulação de diferentes matérias e materiais, num aprender lúdico que nestas oficinas, como nas outras deste projeto constituiu prioridade inequívoca.

No projeto “Estórias de ontem...Histórias de hoje”, as oficinas de Expressão Plástica assumiram um carácter bastante relevante. Talvez o facto de terem sido lecionadas no período das AEC orientadas pelas colaboradoras da CAF, tenha permitido aos alunos sentirem-se mais à vontade para libertarem o seu pensamento criativo. Desde a criação de jogos de tabuleiro (ver imagens 27 e 28, anexo1), à construção da maquete do rio Nabão e do Tabuleiro de flores e pão característicos da cidade de Tomar, numa relação com a Lenda de Santa Iria (ver imagem 29, anexo 1), passando pela representação em desenho de monumentos associados às lendas, como é o caso do Convento de Mafra da lenda com o mesmo nome (ver imagem 30, anexo 1), ou pelo desenho livre sobre as lendas (ver imagem 31, anexo 1), muitas foram as atividades que estimularam e incentivaram à criação de um trabalho final muito enriquecedor. A partilha dos trabalhos foi sempre aberta à comunidade local através de exposições no espaço da escola. A elevada intensidade de apresentação pública dos trabalhos realizados constituiu motivação para socializações diversas, desinibições e por certo para o fortalecimento da autoestima por vezes abalada entre alunos desta faixa etária.

### **Desporto**

O desenvolvimento físico da criança assumiu um carácter tão importante como o desenvolvimento social, criativo e estético nas preocupações educativas deste projeto. Assim, a oficina de desporto desenvolveu um papel fundamental na formação integral do aluno, favorecendo o reforço da oferta educativa numa perspetiva interdisciplinar

integrada com as restantes aprendizagens escolares. Esta oficina teve como principal objetivo o desenvolvimento do nível funcional das capacidades motoras dos alunos, num melhoramento constante das habilidades nos diferentes tipos de atividades, conjugando as iniciativas próprias com a ação dos colegas numa aplicação correta das regras, para além de fomentar a aquisição de hábitos e comportamentos de estilos de vida saudáveis, contribuindo para o aumento dos índices de prática desportiva em ambiente escolar, bem como para o fomento do espírito desportivo e do fair-play, no respeito pelas regras das atividades e por todos os intervenientes. Tendo sempre presente o currículo e a articulação curricular, foram abordadas na oficina de desporto atividades de deslocamentos e equilíbrio em percursos, jogos e estafetas, com a integração de várias habilidades; atividades rítmicas e expressivas em situações de exploração do movimento, em harmonia com o ritmo; atividades de perícia e manipulação em atividades de manipulação com bola, raquete, arco e cordas; atividades de oposição e luta sendo todas as formas de luta em situação lúdica; atletismo em corridas, saltos e estafetas; ginástica em enrolamentos, posições de equilíbrio, deslocamentos e elementos de ligação e jogos pré-desportivos em formas simples de jogo, em espaços reduzidos e com um menor número de jogadores por equipa. Os docentes que desenvolveram esta oficina entraram na teia colaborativa que se criou em torno do projeto participando e fomentando outras atividades que também transpuseram os muros da escola. São exemplo o *I Corta Mato da EB/JI FJS*, do *Peddy Paper* do dia da criança e o *Open day - Jogos Adaptados para os alunos do agrupamento*, realizados com o apoio da CMC (ver imagem 32, anexo 1), com a presença do atleta paralímpico Jorge Pina.

### **Escrita Retorcida**

Sem estar diretamente relacionada com as áreas das expressões, a oficina de Escrita Criativa permitiu aos alunos desenvolverem capacidades criativas relacionadas com a escrita. Lecionada em horário curricular pretendeu-se que os alunos trabalhassem a lenda de forma lúdica, dando-lhe uma roupagem escrita diferente da original. Foi daí que surgiram alguns textos utilizados posteriormente para a criação das letras das canções da peça “Estou inocente”. À semelhança das outras oficinas, os grupos heterogêneos permitiram desenvolver o espírito colaborativo e criativo de cada um. Em especial para os meninos do primeiro ano que, estando pouco familiarizados com a leitura e a escrita,

foram constantemente ajudados pelos alunos dos outros anos. De entre as várias atividades realizadas destacam-se os acrósticos e os poemas escritos sobre a lenda.

### **Cerâmica**

Relacionada com uma área específica da Expressão Plástica, esta oficina foi lecionada por um professor de EVT do agrupamento, dando sentido às orientações constantes no Roteiro de Educação Artística (UNESCO, 2006), quanto à utilização de recursos especializados. O trabalho realizado foi extremamente motivador para os alunos; primeiro porque lhes possibilitou o contacto direto com materiais que até então não faziam parte do seu universo (o barro e os utensílios para trabalhar o barro) e, segundo porque auxiliou bastante no desenvolvimento do processo criativo, uma vez que os obrigou a relacionar as informações da lenda para as transpor para o material (ver imagem 33 e 34, anexo 1). Muitos dos trabalhos realizados serviram posteriormente como cartão-de-visita da escola, tendo sido entregues às inúmeras entidades visitadas e que visitaram a escola, sendo exemplo disso os presépios elaborados na quadra natalícia ou as taças de barro com o logotipo da escola (ver imagem 35 e 36, anexo 1).

### **Jornalismo**

Tal como a oficina anterior, também a oficina de jornalismo possibilitou aos alunos a descoberta de uma outra realidade, em contacto com especialistas das várias áreas. A ideia formada na cabeça das crianças de que o jornalismo é apenas falar para uma câmara de televisão ou um microfone de rádio caiu por terra a partir do momento em que começaram a perceber as várias etapas necessárias para completar o trabalho, de modo até poder trazer a notícia a público. Para tal, contámos com a presença de dois jornalistas profissionais da Agência Lusa e do Jornal Record que, num trabalho de persistência, ajudaram e ensinaram um pouco da sua arte. Desde descobrirem as regras para escrever uma notícia (ver imagem 37, anexo 1), de realizarem relatos escritos, à cobertura fotográfica e vídeo de acontecimentos escolares e do meio envolvente, à criação de um jornal escolar, de uma página de facebook da escola <https://www.facebook.com/EBFJS>, à realização de entrevistas a diversas pessoas e entidades, muitas foram as oportunidades para que os intervenientes das oficinas conhecessem melhor os meandros das TIC. Apesar da vontade expressa pelas crianças,

em dar continuidade a este trabalho, por razões de ordem laboral/agenda dos jornalistas, a mesma apenas teve a duração de duas etapas.

### **Profissões**

A implementação da oficina das profissões já durante a terceira etapa do projeto foi uma ponte de ligação entre a escola e todo o contexto social e cultural envolvente. Dinamizadas essencialmente por pais, encarregados de educação ou habitantes e donos de comércio locais, as sessões desta oficina permitiram validar a premissa do sentido colaborativo. Como referido, o projeto “Estórias de ontem... Histórias de hoje” começou por ser apenas centrado na área das Expressões Artísticas (música, drama, dança e teatro) com atividades realizadas dentro destas áreas que tiveram uma grande expressão no seio da comunidade local. No entanto, as solicitações de participação que recebemos do exterior obrigaram-nos a alargar os horizontes e a criar a já mencionada rede colaborativa entre a comunidade educativa e a comunidade local.

No âmbito desta oficina recebemos na escola um violoncelista da Orquestra Sinfónica Portuguesa que partilhou a sua experiência profissional, falou sobre o seu instrumento e tocou para os alunos que, no fim se viram no papel de violoncelistas (ver imagem 38 e 39, anexo 1). Esta presença fomentou a visita ao TNSC, realizado no âmbito da oficina *Música Fora da Caixa*. Recebemos também um arquiteto que, mais que falar apenas sobre a sua profissão, mostrou aos alunos detalhes dos projetos de construção da ludobiblioteca da escola (ver imagem 40, anexo 1). Uma encarregada de educação veio ensinar a confeccionar um bolo, outro falou da sua profissão enquanto talhante, outro sobre a sua profissão enquanto higienista oral (ver imagem 41, anexo 1). Descobriram alguns mistérios de arqueologia (ver imagem 42 e 43, anexo 1) e viveram a experiência de serem professores por uma hora (ver imagem 44, anexo 1). Todas estas sessões tiveram um carácter prático, muito apelativo para os alunos que o referiram repetidamente por diversos meios expressivos, por eles próprios e pelas vozes dos seus encarregados de educação.

### **Oficinas de Croché, Flores e Carpintaria**

Estando também ligadas à Oficina de Profissões merecem aqui uma referência especial as três oficinas referidas porque, ao contrário das restantes, que por

impossibilidade laboral dos intervenientes exteriores à escola apenas tiveram a duração de uma sessão, acabaram por se prolongar por várias etapas do projeto.

Estas oficinas são o exemplo da rede colaborativa que se criou na EB/JI FJS pois nasceram da vontade e disponibilidade dos dinamizadores das mesmas, agentes de serviços locais, que fecharam semanalmente a sua loja/serviço para poderem partilhar com as crianças da escola os seus conhecimentos e saberes. Sem estarem diretamente ligadas com as áreas das expressões, permitiram aos atores que nelas participaram, desenvolver competências relacionadas com a motricidade fina. Por outro lado, a conhecer um pouco mais sobre atividades que caem cada vez mais em desuso e que na maior parte dos casos, não fazem parte do universo das crianças da sociedade atual. E, ao contrário do que poderíamos esperar quanto à heterogeneidade de intervenientes, foi notório verificar que ambos os géneros (masculino e feminino) escolheram indiferenciadamente estas oficinas sem qualquer constrangimento (ver imagens 45, 46, 47 e 48, anexo 1).

A ideia de uma escola fechada à comunidade local cai por terra a partir do momento em que as portas se abrem e são permitidas trocas de saberes e experiências. Para os alunos, a experiências nestas oficinas, com esta dinamização, ajudou-os a perceber e a conhecer a comunidade que os rodeia. Para os agentes externos, ajudou-os a sentirem a escola como uma instituição essencial ao espaço onde se inserem. O trabalho desenvolvido nestas oficinas foi bastante enriquecedor e gratificante para ambas as partes.

### **4.3.Parcerias**

A dinâmica de parcerias em torno do projeto revelou-se numa dimensão muito útil à escola. Estabeleceram-se laços pontuais com entidades da comunidade educativa assim como outras mais distantes, fora do concelho de Cascais e que posteriormente deram origem a parcerias mais coesas, como é o caso do TNSC. Já no início do presente ano letivo, recebi um telefonema da responsável da educação do TNSC, lançando um desafio à escola para participarmos nos “Espetáculos de Bolso”, atividade relacionada com a dança e produzida pela Companhia Nacional de Bailado, e onde se pretende envolver os alunos, experimentando eles próprios a memorização e o prazer de interpretar de

pequenas coreografias. Após apresentação da proposta às restantes docentes da escola, a participação dos alunos da EB/JI FJS está já confirmada.

Ao longo de todo o tempo de implementação do projeto piloto “Estórias de ontem... Histórias de hoje” notou-se uma disponibilidade não esperada por parte de representantes das parcerias, o que incentivou bastante o sentido colaborativo, que era um dos principais objetivos do projeto. A Associação de Pais e Encarregados de Educação da EB/JI FJS, Agrupamento de escola Ibn Mucana, o Grupo de Instrução Popular da Amoreira (GIPA), a Câmara Municipal de Cascais e a Junta de Freguesia de Alcabideche, destacaram-se como os parceiros mais próximos do projeto. Logo a seguir a Escola Segura/GNR, o Centro de Dia da Amoreira, a Soregra Editores, a Farmácia da Amoreira, os Bombeiros Voluntários de Alcabideche, a Proteção Civil e a Orquestra de Câmara Cascais/Oeiras.

#### **4.4.Avaliação**

Para a avaliação deste projeto realizei um esboço de inquérito preliminar os docentes, técnicos colaboradores do projeto e alunos, com ideia de realizar um inquérito no final que, por falta de tempo não foi possível realizar dada a multiplicação de frentes, no terreno, que o projeto exigiu. Este inquérito preliminar indagava acerca de importância da utilização das Expressões Artísticas nas práticas escolares e da importância do projeto em si para a criação de uma escola criativa, colaborativa e socialmente ativa (ver anexo 3).

Para além deste inquérito, com o qual recolhemos informações pertinentes para as reestruturações do projeto ao longo do ano letivo e que me permitiu perceber as fragilidades, os aspetos positivos e os negativos do projeto e que careciam de mudança, não foram criados outros documentos avaliativos que permitissem avaliar quantitativamente o desenvolvimento criativo e o sentido colaborativo. Foi opinião do corpo docente e dos técnicos do projeto que a avaliação deste projeto passaria sim, por escutar as opiniões de todos os seus intervenientes no decorrer das etapas. As reuniões periódicas e Assembleias de Escola revelaram-se um lugar de avaliação primordial. Ai foram discutidos os aspetos positivos e menos positivos do projeto e encontradas soluções para melhorar as atividades diárias. Numa dessas assembleias, uma aluna de terceiro ano mostrou-se bastante descontente porque até à data não tinha conseguido participar na

oficina de dança. Tal como ela, outros manifestaram o mesmo descontentamento em relação a outras oficinas. Esta situação fez-nos questionar se o tempo das oficinas seria ou não suficiente para que todas as crianças as pudessem integrar e delas retiraram conhecimento para se construírem pedagogicamente. Tornou-se então necessário implementar uma ação de melhoria que passou pelo prolongamento de algumas oficinas para as etapas seguintes., tendo sempre em conta os constrangimentos laborais de alguns dos agentes externos que colaboraram no projeto.

A maior avaliação ao projeto foi feita com base nos trabalhos realizados pelas crianças em cada uma das oficinas, no empenho dedicado a cada atividade e acima de tudo nas atitudes e sentido de respeito pelo trabalho de cada um.

Pudemos perceber que a criatividade e a colaboração foram largamente adquiridas quando temos alunos que se conseguem exprimir por vontade própria, expondo as suas ideias sem receio que as mesmas sejam interpretadas de forma depreciativa ou inadequada; alunos que recorrem a diversos universos linguísticos (cognitivos e expressivos), para fazerem valerem as suas ideias e propósitos; aluno que se disponibilizam para colaborar, auxiliando outros nas suas conquistas; alunos que desenvolveram a autonomia (eu sou capaz, eu faço), que desenvolveram o sentido cívico, conhecendo e respeitando os valores da sociedade e desenvolveram o sentido crítico e estético; alunos que se movimentam nos espaços da escola e os tomam como um prolongamento da sua casa, sentindo-se confiantes e disponíveis para as interações que daí advêm.

Um dos objetivos deste projeto passou pela capacidade de contribuir para uma maior consciencialização do papel da Educação Artística e da sua articulação entre os diversos saberes presentes no currículo do 1º CEB como veículo de promoção e consolidação de conhecimentos das outras áreas do currículo. No meu entender, este objetivo foi amplamente conseguido uma vez que a taxa de sucesso das aprendizagens e dos comportamentos não apresentou níveis negativos no final do ano letivo (ver tabelas 1 e 2, anexo 1).

## Conclusão

O trabalho de projeto a partir da execução do projeto piloto “*Estórias de ontem... Histórias de hoje*” permitiu-me confirmar que Educar é consciencializar para o meio em que vivemos. Esta educação é a principal função da escola e do docente na EB/JI FJS. Pretende-se que os alunos tenham a consciencialização do mundo global, onde as barreiras culturais se desvanecem e permitem o acesso, entre outras coisas, às Expressões Artísticas, que se fundem e originam múltiplas possibilidades de criação. Pretende-se que as relacionem com as aprendizagens adquiridas e que, desta forma, consolidem conhecimentos e desenvolvam sentido crítico, criativo e cívico perante a sociedade. Mas, para que isso aconteça, é necessário que a escola e os professores abram a caixa da educação e deixem que nela entrem as experiências pessoais e sociais de todos os agentes da comunidade escolar, sem reprimendas ou juízos de valores, sendo capaz de as adequar à estrutura curricular e à realidade atual, numa ligação constante entre a escola e a sociedade.

Também, a promoção da articulação curricular com vista à interdisciplinaridade permite um aprofundar de conhecimentos e um maior entendimento sobre as diversas áreas. É por isso fundamental olharmos para cada uma das delas como caixas abertas, de onde se podem tirar saberes para os inter-relacionar com outros. Assim, interdisciplinaridade acontece naturalmente, se houver sensibilidade para o contexto. A sua prática e sistematização obrigam a um trabalho didático de um ou mais professores, que deve ter como base as vivências dos alunos nos seus contextos sociais. De sublinhar que no processo de ensino-aprendizagem é necessário o conhecimento fundamentado dos princípios, das diretrizes e dos métodos das diversas áreas disciplinares. O docente deve ser capaz de inovar e variar as suas técnicas de ensino com o objetivo da qualidade e não da quantidade dos conteúdos trabalhados.

No entanto, continuamos a assistir a contextos escolares que vivem centrados na quantificação de resultados avaliativos em prole da qualidade das aprendizagens realizadas, tentando concretizar tais resultados sem recurso às Expressões Artísticas que, como comprovam os dados do presente projeto, são um contributo facilitador de aprendizagens.

O Agrupamento de escolas IBN Mucana, no qual a EB/JI FJS está inserida tem, de há uns anos a esta parte, dado liberdade aos docentes que dele fazem parte, para



inovarem e implementarem projetos que visem alcançar taxas de sucesso mais elevadas. Este processo de mudança nem sempre fácil provoca constrangimentos que podem comprometer a relação entre os seus intervenientes. No entanto, a vontade de mudança e de fazer melhor deve imperar para a construção de uma escola participativa na sociedade.

A proposta do projeto apresentado ao corpo docente e técnicos da EB/JI FJS foi recebida com bastante entusiasmo. Já a sua implementação não foi fácil mas, os resultados obtidos foram sem dúvida, conquista suficiente para aceitar todos os constrangimentos sentidos.

Um dos maiores constrangimentos sentidos por todos prendeu-se com a necessidade de alterar e modificar espaços escolares. Dinamizar oficinas simultaneamente foi, algumas vezes um desafio. Dos inquéritos realizados na escola a docentes e técnicos surgem também como constrangimentos a falta de material para o desenvolvimento de algumas oficinas, a falta de alguns recursos humanos mais especializados e a falta de tempo efetivo para a articulação entre os docentes e técnicos. Este último constrangimento deveu-se ao facto dos horários não serem coincidentes, tornando difícil a articulação conjunta e, embora se tenham realizados reuniões de preparação dos trabalhos, nem sempre foram suficientes para a conclusão de ideias. Muitas vezes, as conversas de corredor foram a forma mais eficaz de ultrapassar este constrangimento.

O próximo ano letivo traz-nos a continuação ainda mais ambiciosa do projeto de Expressões Artísticas, através do projeto “*GUIAR-TE*”. A necessidade de técnicos com mais formação e uma articulação curricular mais efetiva levou a EB/JI FJS a concorrer ao Orçamento Participativo da CMC. Com esta candidatura não se pretende “requalificar uma estrada, fazer uma ponte ou reabilitar uma sede”<sup>8</sup>. Pretende-se sim, “enriquecer o currículo e a cultura dos alunos... através da música, artes plásticas, desporto, teatro ou dança” angariando financiamento para a contratação de técnicos especializados nas diferentes áreas artísticas (música, drama, plástica e dança), estabelecendo com eles uma parceria de trabalho de valorize e articulação curricular. Esta candidatura só se tornou possível graças a toda a rede colaborativa que se criou em torno da escola e que funciona como uma “cola” que não deixou esmorecer a vontade de mudar e fazer mais e melhor. E embora ainda não haja uma resposta efetiva quanto à sua concretização, a EB/JI FJS não vai deixar de continuar a valorizar as Expressões Artísticas integradas no currículo,

---

<sup>8</sup> Artigo do Jornal da Região de Cascais de junho de 2016

oferecendo aos seus alunos atividades que os ajudem a crescer cultural, criativa e civicamente (ver imagem 49, anexo 1).

## Referências Bibliográficas

- Bahia, S. (2007). *Psicologia da Criatividade*. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação - UL .
- Bahia, S. (2008). Constrangimentos À Expressão Artística. *Invisibilidades - Revista Ibero-Americana de pesquisa em Educação, Cultura e Artes*.
- Benetdict, R. (1946). *Patterns of Culture*. England: Routledge & Kegan Paul Ltd.
- Blacking, J. (1973). *How Musical Is Man*. Saettle e Londres: The University of Washington Press.
- Branco, S. C. (2010). *Enciclopédia da Música em Portugal no SEC. XX*. Lisboa: Circulo de Leitores.
- Bresler, L. (2004). *Knowing Bodies, Moving Minds - Towards Embodied Teaching and Learning*. Illinois:Academic Publishers.
- Caldas, A. M., & Vasques, E. (2014). *Educação Artística para um Currículo de Excelência - Projeto Piloto para o 1º Ciclo do Ensino Básico* . Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Campbell, E., & Lassiter, L. E. (2015). *Doing Ethnography Today - Theories, Methods, Exercices*. Wiley Blackwell.
- Campbell, P. S. (2010). *Music in Childhood; From Preschool through the Elementary Grades*. Boston USA: Schirmer.
- Campbell, E. (2003). *The Ethical Teacher*. Maidenhead, Philadelphia: Open University Press.
- Campbell, P. S. (s.d.). The Musical Cultures of Children. Em L. B. Thompson, *The Art's in Children's Lives: Context, Culture, and Curriculum* (pp. 57-69). Illinois e Pennsylvania: Kluwer Academic Publishers.
- Cardoso, G., Miranda, J., & Teixeira, C. A. (2009). *Registo Fotográfico de Alcabideche e Alguns Apontamentos Histórico-Administrativos*. Alcabideche: Junta de Freguesia de Alcabideche.
- Cascais, C. M. (2013). *Plano Municipal para a Integração dos Imigrantes de Cascais 2015-2017*. Cascais.
- Corte-Real, M. S. J. (1998). "The Role of Music in the Education of the Multicultural Society: The Portuguese Case" Towards the Intercultural Classroom. *Intercultural Education Partnership*, (pp. 3:18-21). London.
- Costa, M., & Corte-Real, M. S. J. (outubro de 2010). Música, sinergias e interculturalidade na Escola em Loures. *Revista Migrações nº 7*.

- Educação, M. (1991). *Organização Curricular e Programas - Ensino Básico - 1º ciclo*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Educação, M. (1991). *Programa de Educação Musical – 2º ciclo, volume I e II*. Lisboa: Direção Geral do Ensino Básico e Secundário. Ministério da Educação.
- Educação, M. (2004). *Competências Essenciais do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Green, L. (2011). *Learning, Teaching, and Musical Identity - Voices Across Cultures*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press.
- Lima, E. F. (2009). A formação Inicial de Professores e a Didática na Perspetiva inter/multicultural. *Revista de Educação*, pp. 165-178.
- Lourenço, F. (2016). Escola Lança desafio Cultural ao Orçamento Participativo. *JR - Jornal da Região de Cascais*.
- Merriam, A. (1964). *The Anthropology of Music*. Evanston: University of Illinois Press. Primeira parte.
- Mucana, A. E. (2013/2014). *Projeto Curricular de Agrupamento*. Alcabideche.
- Mucana, A. E. (2013/2014). *Projeto Curricular de Escola*. Alcabideche.
- Mucana, A. E. (2014). *Plano estratégico de Melhora 2014/2017*. Alcabideche.
- Mucana, A. E. (s.d.). Regulamento Interno da EB/JI FJS.
- Nettl, B. (s.d.). What's to Be Learned? Comments on Teaching Music in the World and Teaching World Music at Home. Em L. B. Thompson, *The Art's in Children's Lives: Context, Culture, and Curriculum* (pp. 29-41). Illinois e Pennsylvania: Kluwer Academic Publishers.
- Pacheco, J. A. (2014). *Curriculo e Didática: Para uma Relação de convergência*. Vila Real, UTAD: Design de Facto Editores.
- Sousa, A. B. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação, volume 1*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Sousa, A. B. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação, volume 3*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Sternberg, R. J. (2001). *What is the common thread of creativity?* American Psychologist.
- Swanwick, K. (1992). *Music Education and Ethnomusicology*. British Forum for Ethnomusicology.
- Thiollant, M. (2006). *Metodologias da Pesquisa-Ação*. São Paulo: Cortez Editora.

## **Legislação**

Decreto-Lei 344/90, de 2 de novembro – Estabelece as bases da Educação Artística no âmbito pré-escolar, escolar e extraescolar.

Decreto-Lei 6/2001, de 18 de janeiro – prova a organização curricular do ensino básico estabelecendo os princípios orientadores da organização e gestão curricular.~

Despacho nº 12 591/2006 (2º série), de 16 de junho – Implementa as AEC no 1º CEB integradas no conceito de escola a tempo inteiro.

Despacho nº 14 460/2008, de 26 de maio – Regulamenta as AEC no 1º CEB. Revoga o Despacho nº 12 591/2006.

Portaria 644-a/2015 (2º série), de 24 de agosto – Regulamenta as regras de organização e funcionamento das escolas e ofertas educativas das AEC.

## **Internet**

[http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/AEC/relatorio\\_final\\_aec\\_site.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/AEC/relatorio_final_aec_site.pdf) -

Avaliação Externa do Programa das Atividades de Enriquecimento curricular no 1º ciclo do Ensino Básico. Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora (CIEP-EU). 2013

<http://www.cascais.pt/area/historia?page=7>

<http://books.google.pt/books> ARAÚJO, S. A. (2008). Contributos para uma Educação e para a Cidadania: Professores e Alunos em Contexto Intercultural. Lisboa: Editora ACIDI, I.P.

## **ANEXOS**

## Anexo 1 - Imagens

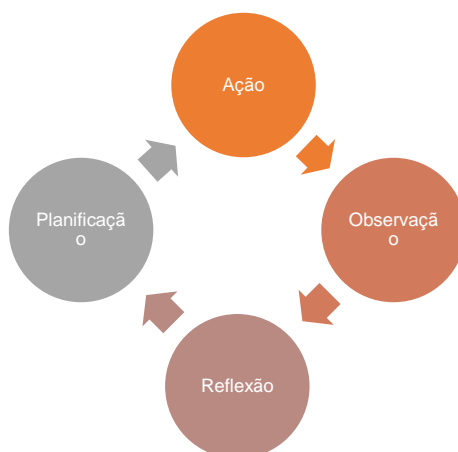


Imagem 1 - Representação das fases do ciclo da investigação-ação



Imagem 2 - Rancho folclórico do GIPA



Imagem 3 - Banda do GIPA anos 30/40



Imagem 4 - Logotipo do Agrupamento



**O Papel das Expressões Artísticas  
no Ensino Básico**

17 de março | 17h00  
Escola Básica Fernando José dos Santos


Contributo para o Plano Estratégico de Desenvolvimento da Educação  
no âmbito da revisão da Carta Educativa do Concelho de Cascais

**Dra Ana Maria Pereira Caldas** | Presidente do Clube Unesco  
da Educação Artística

**Dr Frederico Almeida** | Vereador da Educação da  
Câmara Municipal de Cascais

**Dra Teresa Lopes** | Diretora do Agrupamento de  
Escolas Ibn Mucana

**Dra Ana Galvão Lucas** | Coordenadora do Projeto Escola Criativa

**O Papel das  
Expressões Artísticas no Ensino Básico**

**Workshop Cantar Mais....**

3 junho | 16h30  
Escola Básica Fernando José dos Santos

Inscrições até 30 de maio para [ibn.ebfs@gmail.com](mailto:ibn.ebfs@gmail.com)




Imagem 5 - Cartaz de apresentação dos Seminários





Imagem 6 - Fachada da EB/JI FJS



Imagem7 - Logotipo da escola



Imagem 8 - Folheto da campanha de angariação de fundos

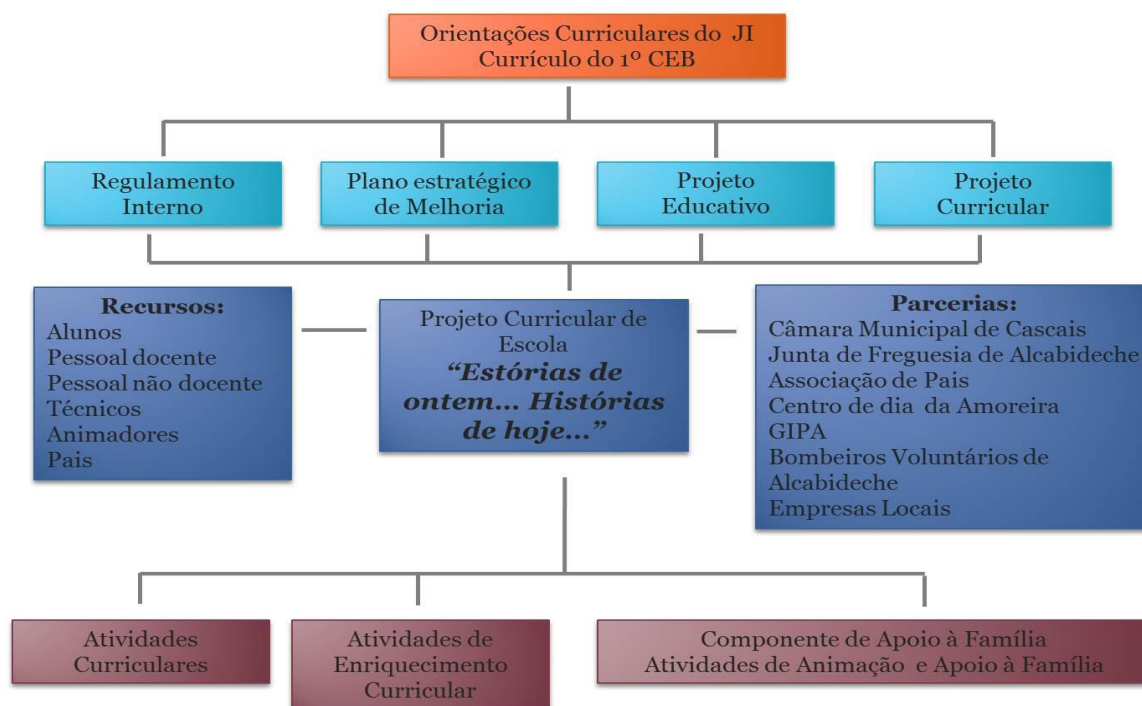


Imagem 9 – Organograma do Projeto “Estórias de Ontem... Histórias de hoje”



Imagem 10 – Painel explicativo do Projeto “Estórias de Ontem...Histórias de Hoje”





Imagem 11 - Assembleia de escola: a diferença entre Estória e História.



Imagem 12- Todas as opiniões são ouvidas e discutidas



Imagem 13 - Dramatização da lenda da Boca do Inferno em Assembleia de Escola.



Imagem 14 - Escolha livre das oficinas



Imagem 15- Painéis com as Oficinas da Etapa

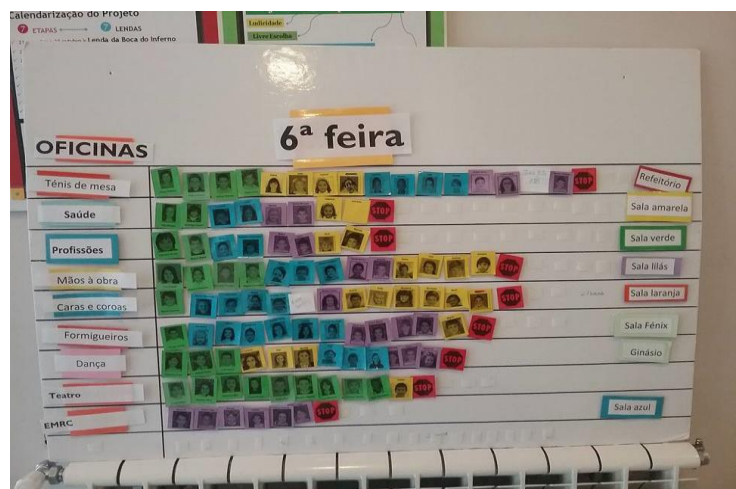


Imagem 16 - Exemplo de um painel com as oficinas





Imagem 17 - Coro da EB/JI FJS interpretando o Natal Africano.



Imagem 18 – Apresentação pública da peça “Estou Inocente”



Imagem 19 - Workshop APEM Cantar Mais para os alunos



Imagem 20 - Workshop APEM Cantar Mais para a comunidade

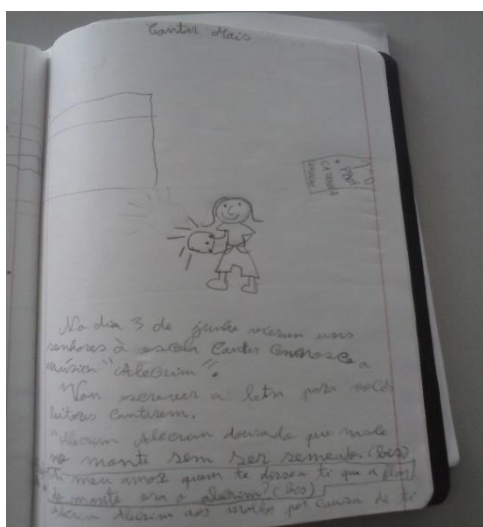


Imagem 21 – Diário gráfico de alguns alunos sobre o workshop APEM





Imagem 22 – Pedro e o Lobo - Concerto da Orquestra de Câmara Cascais/Oeiras



Imagem 23 e 24 - Visita ao Teatro Nacional de São Carlos





Imagem 25 – “ Eu construi um Adufe”



Imagem 26 - Ensaio do “Bailarico Saloio”



Imagem 27 - Cri'Ativos - Jogos de tabuleiro





Imagem 28 - Pensar as regras do jogo

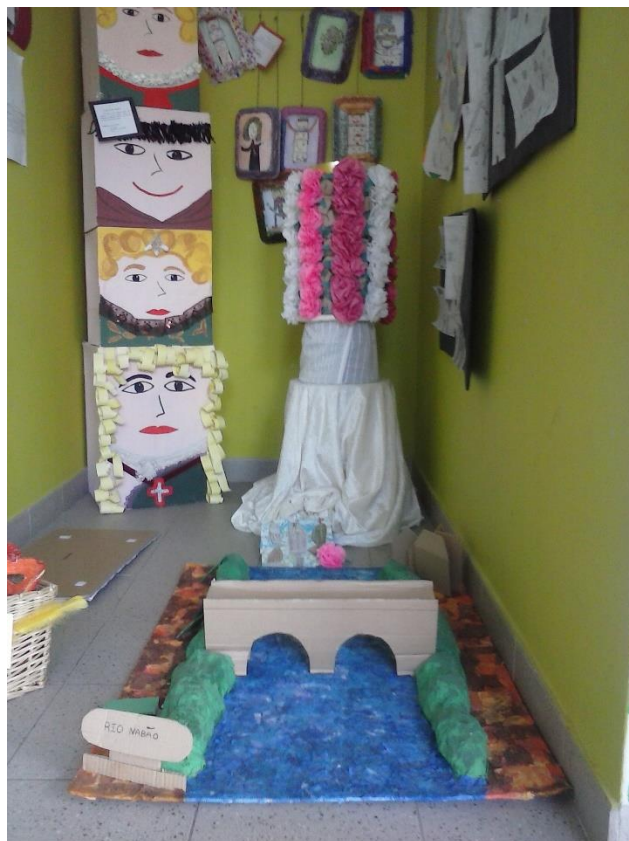


Imagem 29 – Os símbolos da cidade de Tomar associados à lenda de Santa Iria



Imagem 30 - Um olhar sobre o Convento de Mafra

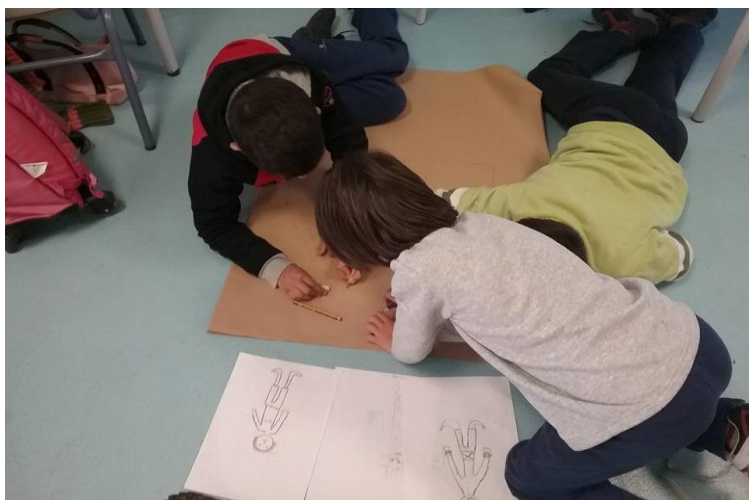


Imagem 31 - Oficina de "Mãos à Obra"



Imagem 32 - GoalBall - Futebol para invisuais



Imagem 33 – O príncipe da lenda da Cova Encantada





Imagem 34 – O feiticeiro da lenda da Boca do Inferno



Figura 35 - Oficina de cerâmica



Imagem 36 – Presépio realizado na oficina de cerâmica



Imagem 37 – Atentos às explicações dos jornalistas



Imagem 38 - O Violoncelista da OSP



Imagem 39 - Experimentar e sentir





Imagem 40 - Com o Arquiteto analisando as plantas da Ludobiblioteca da Escola



Imagem 41 - Com a Higienista Oral



Imagem 42 - Os mistérios da Arqueologia

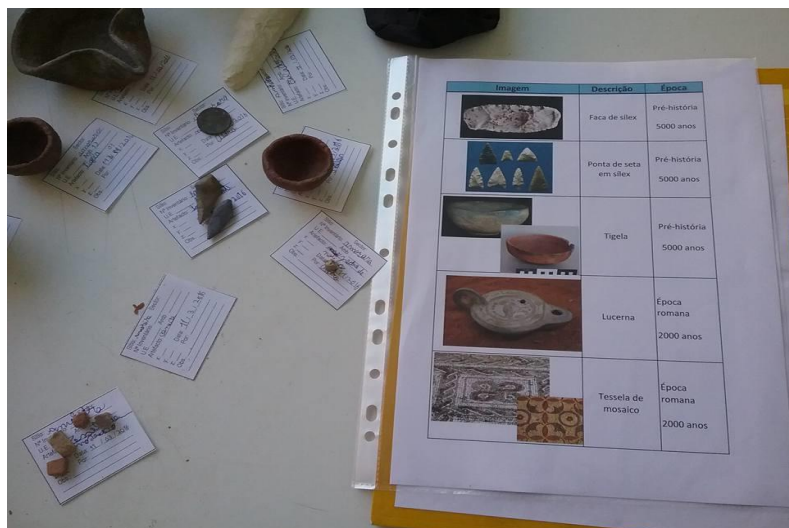


Imagem 43 - Catalogação arqueológica



Imagem 44 - Professor por uma hora



Imagem 45 - Oficina de Flores





Imagem 46 - Oficina de Carpintaria - Restauro de um armário



Imagem 47 – Depois de restaurado serviu de expositor para os trabalhos.





Imagem 48 - Oficina de Croché



Gerar e Unir, Impulsionados pela ARTE!



Imagem 49 - Logótipo do projeto para o ano 2016/2017

|  |  |                                  |                                 |                 |
|--|--|----------------------------------|---------------------------------|-----------------|
|  |  | REPÚBLICA PORTUGUESA<br>EDUCAÇÃO | RUPAMENTO DE ESCOLAS IBN MUCANA | DEPARTAMENTO DO |
| AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS  |  |                                  |                                 |                 |

Avaliação Trimestral - 3º Período 15/16

| Escola     | 1º Ano |     |   |    | NEE | 2º Ano |     |    |    | NEE | 3º Ano |     |    |    | NEE | 4º Ano |     |    |    | NEE |
|------------|--------|-----|---|----|-----|--------|-----|----|----|-----|--------|-----|----|----|-----|--------|-----|----|----|-----|
|            | I      | SUF | B | MB |     | I      | SUF | B  | MB |     | I      | SUF | B  | MB |     | I      | SUF | B  | MB |     |
| F.J.Santos | 0      | 12  | 6 | 8  | 1   | 0      | 11  | 10 | 5  | 2   | 0      | 5   | 18 | 5  | 0   | 0      | 11  | 11 | 5  | 5   |

Tabela 1 – Avaliação das aprendizagens, 3º período, 2015/2016

|   |   |                                  |                                 |                 |
|---|---|----------------------------------|---------------------------------|-----------------|
|  |  | REPÚBLICA PORTUGUESA<br>EDUCAÇÃO | RUPAMENTO DE ESCOLAS IBN MUCANA | DEPARTAMENTO DO |
| AVALIAÇÃO DOS COMPORTAMENTOS  |   |                                  |                                 |                 |

Avaliação Trimestral - 3º Período 15/16

| Escola     | 1º Ano |     |    |    | NEE | 2º Ano |     |    |    | NEE | 3º Ano |     |    |    | NEE | 4º Ano |     |   |    | NEE |
|------------|--------|-----|----|----|-----|--------|-----|----|----|-----|--------|-----|----|----|-----|--------|-----|---|----|-----|
|            | I      | SUF | B  | MB |     | I      | SUF | B  | MB |     | I      | SUF | B  | MB |     | I      | SUF | B | MB |     |
| F.J.Santos | 0      | 7   | 11 | 8  | 1   | 0      | 6   | 17 | 3  | 2   | 0      | 7   | 14 | 7  | 0   | 0      | 9   | 9 | 9  | 5   |

Tabela 2 - Avaliação dos comportamentos, 3º período, 2015/2016



## Anexo 2 – Exemplos de Músicas Trabalhadas

**Regadinho** Tradicional portuguesa  
Arr. Gilberto Costa

©cantarmais.pt

|   |  |   |   |   |  |
|---|--|---|---|---|--|
| A | Água leva o regadinho,<br>água leva e vai regar.<br>A água do nosso rio<br>corre toda para o mar!          | A | Água leva o regadinho,<br>água leva e vai regar.<br>A água do nosso rio<br>corre toda para o mar!           | A | Água leva o regadinho,<br>água leva e vai regar.<br>A água do nosso rio<br>corre toda para o mar!  |
|   |  |   |   |   |  |
| B | Água leva o regadinho,<br>vai regar o meu jardim.<br>Enquanto rega e não rega,<br>Vou pensando cá pra mim! | B | Água leva o regadinho,<br>água leva e vai regando<br>Enquanto rega e não rega<br>em quem devo vou pensando! | B | Água leva regadinho,<br>água leva o regador.<br>Enquanto leva e não leva<br>vou falar ao meu amor! |
|   |  |   |   |   |  |

| Estrutura musical do arranjo | Introd. | A      | BB        | Interl. | A      | BB        | Interl. | A      | BB        |
|------------------------------|---------|--------|-----------|---------|--------|-----------|---------|--------|-----------|
| Estrutura do texto           |         | Refrão | Estrofe 1 |         | Refrão | Estrofe 2 |         | Refrão | Estrofe 3 |

**Papagaio Loiro** Tradicional portuguesa  
Arr. Gilberto Costa

$\text{♩} = 94$

4 8

1. Pa-pa-gai-o loi-ro, de bi-co doi-ra-do, le-va-me\_es-ta car-ta, pa-ra\_o ou-tro la-do!

Pa-ra\_o ou-tro la-do, pa-ra\_a ou-tra mar-gem, pa-pa-gai-o loi-ro, de lin-da plu-ma-gem!

Fim

De lin-da plu-ma-gem, lin-da co-mo oi-ro, le-va-me\_es-ta car-ta, Pa-pa-gai-o loi-ro!

D.S. ao Fim

©cantarmais.pt

- A | Papagaio loiro,  
de bico doirado,  
leva-me esta carta,  
para o outro lado!
- A | Para o outro lado,  
Para a outra margem,  
papagaio loiro,  
de linda plumagem!
- A | De linda plumagem,  
linda como oiro,  
leva-me esta carta,  
Papagaio loiro!

|                              |         |       |       |       |         |       |       |       |
|------------------------------|---------|-------|-------|-------|---------|-------|-------|-------|
| Estrutura musical do arranjo | Introd. | A     | A     | A     | Interl. | A     | A     | A     |
| Estrutura do texto           |         | Est.1 | Est.2 | Est.3 |         | Est.1 | Est.2 | Est.3 |

**Ging gang gooli**

Baden-Powell  
Arr. Emanuel Andrade

♩=96

11

1. 2. **Fim**

Ging gang goo-li goo-li goo-li wat-cha ging gang goo, ging gang goo. goo.

1. 2. 7 **D.S.**

Hai-la hai-la shai-la, Shai-la hai-la shai-la ho - la - ho! ho! \_\_\_\_

3. 16 4. **D.S. ao Fim**

ho! \_\_\_\_ ho!

©cantarmais.pt

- A | Ging gang  
gooli gooli gooli  
watcha (bis)  
ging gang goo,  
ging gang goo.
- B | Haila  
haila shaila,  
Shaila haila  
shaila holaho!
- B' | Haila  
haila shaila,  
Shaila haila  
shaila ho!
- (repete do início)  
(repete 2ª/3ª e 1ª estrofes)

|                              |         |         |             |         |         |             |         |             |         |
|------------------------------|---------|---------|-------------|---------|---------|-------------|---------|-------------|---------|
| Estrutura musical do arranjo | Introd. | AA      | B B'        | Interl. | AA      | B B'        | Interl. | B B'        | AA      |
| Estrutura do Texto           |         | Estr. 1 | Estr. 2 e 3 |         | Estr. 1 | Estr. 2 e 3 |         | Estr. 2 e 3 | Estr. 1 |

©www.cantarmais.pt



# Hava nagila

Tradicional judaica

Arr. Carlos Gomes

♩=121 11 %

Ha - va na - gi - la Ha - va na - gi - la Ha - va na - gi - la ve - nis - me - ha ve - nis - me - ha

Ha - va ne - ra - ne - nah Ha - va ne - ra - ne - nah Ha - va ne - ra - ne - nah ve - nis - me - ha ve - nis - me - ha

U - ru, u - ru a - him! U - ru\_a - him be - lev sa - me - ah U - ru\_a - him be - lev sa - me - ah

D.S.

U - ru\_a - him be - lev sa - me - ah U - ru\_a - him be - lev sa - me - ah U - ru\_a - him U - ru\_a - him be - lev sa - me - ah

©cantarmals.pt

- A Hava nagila  
Hava nagila  
Hava nagila venismeha
- A' Hava nagila  
Hava nagila  
Hava nagila venismeha
- B Hava neranenah  
Hava neranenah  
Hava neranenah venismeha
- B' Hava neranenah  
Hava neranenah  
Hava neranenah venismeha
- C Uru, uru ahim!  
Uru ahim belev sameah (bis)  
Uru ahim belev sameah (bis)  
Uru ahim, uru ahim  
belev sameah
- (repete do início)

| Estrutura musical do arranjo | Introd. | A A'      | B B'      | C         | Interl. | A A'      | B B'      | C         | Coda |
|------------------------------|---------|-----------|-----------|-----------|---------|-----------|-----------|-----------|------|
| Estrutura do texto           |         | Estrofe 1 | Estrofe 2 | Estrofe 3 |         | Estrofe 1 | Estrofe 2 | Estrofe 3 |      |

## Anexo 3 – Inquéritos e Entrevistas



### Mestrado em Etnomusicologia

#### Colaboração e Criatividade no 1º CEB

#### Estudo de Caso na Escola Básica Fernando José dos Santos

### Inquérito aos Docentes da EB/JI FJS

**Tema:** Projeto Piloto de Expressão Artística “Estórias de ontem.... Histórias de hoje”.

Este inquérito visa recolher dados para a elaboração de um Trabalho de Projeto para obtenção do grau de Mestre em Etnomusicologia. Com efeito, pretende-se apurar as conceções dos colaboradores diretos do Projeto Piloto de Expressão Artística Estórias de Ontem... Histórias de Hoje” implementado na EBFJS, relativamente à potencialidade das Áreas das Expressões como integradoras do currículo escolar.

É de realçar que será mantido o anonimato e os dados recolhidos serão, exclusivamente, utilizados para o devido efeito supramencionado.

#### Parte I

**Sexo:** ☐ Feminino ☐ Masculino

**Idade:** \_\_\_\_\_ anos.

**Habilitações académicas:** ☐ 9º ano; ☐ 12º ano; ☐ Bacharelato;  
☐ Licenciatura ☐ Mestrado ☐

Doutoramento

• **Profissão:** \_\_\_\_\_

• **Há quantos anos trabalha com crianças do 1º ciclo?** \_\_\_\_\_

- Função/ funções que exerce na escola. \_\_\_\_\_

## **Parte II**

**1. No que concerne às expressões, em que medida encara essas áreas importantes para o desenvolvimento e aprendizagem da criança?**

**2. Considera as áreas das expressões integradoras/contributárias às restantes áreas? Quais e como**

**3. De que forma o projeto “ Estórias de Ontem... Histórias de Hoje”, desenvolve o sentido colaborativo entre docentes e alunos?**

**4. No seu entender, as atividades desenvolvidas no âmbito do projeto supracitado, são facilitadoras do desenvolvimento da capacidade criativa das crianças? Se sim, como?**

**5. Quais as dificuldades sentidas na implementação e operacionalização do projeto?**

**6. Sente que o trabalho realizado no âmbito do presente projeto é valorizado (assinale com uma X a opção/opções que considera válidas):**

**Pelos alunos?** \_\_\_\_\_

**Pelos outros professores da escola?** \_\_\_\_\_

**Pelos encarregados de educação?** \_\_\_\_\_

**Pelos restantes funcionários da escola?** \_\_\_\_\_

**Outros? Quais?** \_\_\_\_\_

**7. Se assinalou alguma das opções anteriores, indique como é sentida essa valorização.**

**8. Quais os principais constrangimentos ao projeto “Estórias de Ontem... Histórias de Hoje”?**

**9. Indique alguma sugestão que, na sua opinião, contribuiriam para melhorar o projeto “Estórias de Ontem... Histórias de Hoje”?**

**10. Se considerar pertinente, pode acrescentar alguns aspetos que não tenham sido referidos.**

**Mestrado em Etnomusicologia**

**Colaboração e Criatividade no 1º CEB**

**Estudo de Caso na Escola Básica Fernando José dos Santos**

**Inquérito à Coordenação da EB/JI FJS**

**Tema:** Projeto Piloto de Expressão Artística “Estórias de Ontem... Histórias de Hoje”.

Este inquérito visa recolher dados para a elaboração de um Trabalho de Projeto para obtenção do grau de Mestre em Etnomusicologia. Com efeito, pretende-se apurar as conceções dos colaboradores diretos do Projeto Piloto de Expressão Artística Estórias de Ontem... Histórias de Hoje” implementado na EBFJS, relativamente à potencialidade das Áreas das Expressões como integradoras do currículo escolar.

É de realçar que será mantido o anonimato e os dados recolhidos serão, exclusivamente, utilizados para o devido efeito supramencionado.

**Parte I**

**Sexo:** ☐ Feminino ☐ Masculino

**Idade:** \_\_\_\_\_ anos.

**Habilitações académicas:** ☐ 9º ano; ☐ 12º ano; ☐ Bacharelato;  
☐ Licenciatura ☐ Mestrado ☐  
Doutoramento

• **Profissão:** \_\_\_\_\_

• **Há quantos anos trabalha com crianças do 1º ciclo?** \_\_\_\_\_

• **Função/ funções que exerce na escola.**

## **Parte II**

**1. Descreva, num texto livre, o projeto implementado na escola, fazendo referência aos objetivos e finalidade do mesmo.**

## **Parte III**

**1. No que concerne às expressões, em que medida encara essas áreas importantes para o desenvolvimento e aprendizagem da criança?**

**2. Considera as áreas das expressões integradoras/contributárias às restantes áreas? Quais e como?**

**3. Qual a necessidade sentida pela escola e que originou o desenvolvimento e implementação do projeto “Estórias de Ontem.... Histórias de Hoje”?**

**4. De que forma o presente projeto desenvolve o sentido colaborativo entre docentes e alunos?**

**5. No seu entender, as atividades desenvolvidas no âmbito do projeto supracitado, são facilitadoras do desenvolvimento da capacidade criativa das crianças? Se sim, como?**

**6. Quais as dificuldades sentidas na implementação e operacionalização do projeto?**

**7. Sente que o trabalho realizado no âmbito do presente projeto é valorizado (assinale com uma X a opção/opções que considera válidas):**

**Pelos alunos?** \_\_\_\_\_

**Pelos outros professores da escola?** \_\_\_\_\_

**Pelos encarregados de educação?** \_\_\_\_\_

**Pelos restantes funcionários da escola?** \_\_\_\_\_

**Outros? Quais?** \_\_\_\_\_

**8. Se assinalou alguma das opções anteriores, indique como é sentida essa valorização.**



**9. Quais os principais constrangimentos ao projeto “Estórias de Ontem... Histórias de Hoje”?**

**10. Indique alguma sugestão que, na sua opinião, contribuiriam para melhorar o projeto “Estórias de Ontem... Histórias de Hoje”?**

**11. Se considerar pertinente, pode acrescentar alguns aspetos que não tenham sido referidos.**

## Mestrado em Etnomusicologia

### Colaboração e Criatividade no 1º CEB

#### Estudo de Caso na Escola Básica Fernando José dos Santos

## Inquérito aos Colaboradores do Projeto

**Tema:** Projeto Piloto de Expressão Artística “Estórias de Ontem... Histórias de Hoje”.

Este inquérito visa recolher dados para a elaboração de um Trabalho de Projeto para obtenção do grau de Mestre em Etnomusicologia. Com efeito, pretende-se apurar as conceções dos colaboradores diretos do Projeto Piloto de Expressão Artística Estórias de Ontem... Histórias de Hoje” implementado na EBFJS, relativamente à potencialidade das Áreas das Expressões como integradoras do currículo escolar.

É de realçar que será mantido o anonimato e os dados recolhidos serão, exclusivamente, utilizados para o devido efeito supramencionado.

### Parte I

**Sexo:** ☐ Feminino ☐ Masculino

**Idade:** \_\_\_\_\_ anos.

**Habilitações académicas:** ☐ 9º ano; ☐ 12º ano; ☐ Bacharelato;  
☐ Licenciatura ☐ Mestrado ☐ Doutoramento

• **Profissão:** \_\_\_\_\_

• **Há quantos anos trabalha com crianças do 1º ciclo?** \_\_\_\_\_

• Tem alguma formação complementar para a atividade que desenvolve com as crianças do 1º ciclo?

## **Parte II**

1. Descreva de forma pormenorizada a oficina que desenvolve, fazendo referência aos objetivos da mesma, aos conteúdos abordados e às atividades realizadas.

## **Parte III**

1. No que concerne às expressões, em que medida encara essas áreas importantes para o desenvolvimento e aprendizagem da criança?

2. Considera as áreas das expressões integradoras/contributárias às restantes áreas? Quais e como?

3. De que forma o presente projeto desenvolve o sentido colaborativo entre docentes e alunos?

4. No seu entender, as atividades desenvolvidas no âmbito do projeto supracitado, são facilitadoras do desenvolvimento da capacidade criativa das crianças? Se sim, como?

5. Quais as dificuldades que enfrenta na planificação e organização da oficina que desenvolve?

6. Sente que o trabalho realizado no âmbito da oficina que desenvolve é valorizado (assinale com uma X a opção/opções que considera válida):

Pelos alunos? \_\_\_\_\_

Pelos outros professores da escola? \_\_\_\_\_

Pela coordenação da escola? \_\_\_\_\_

Pelos encarregados de educação? \_\_\_\_\_

Pelos restantes funcionários da escola? \_\_\_\_\_

7. Quais os principais constrangimentos ao projeto “Estórias de Ontem... Histórias de Hoje”?

**8. Indique alguma sugestão que, na sua opinião, contribuiriam para melhorar o projeto “Estórias de Ontem... Histórias de Hoje”?**

**9. Se considerar pertinente, pode acrescentar alguns aspetos que não tenham sido referidos.**

**Mestrado em Etnomusicologia**

**Colaboração e Criatividade no 1º CEB**

**Estudo de Caso na Escola Básica Fernando José dos Santos**

**Entrevista à presidente do Clube Unesco de educação Artística**

**Dra. Ana Pereira Caldas**

- 1 - Qual o seu nome e a sua área de formação?**
- 2 – Qual o cargo que ocupa dentro do Clube Unesco de Educação Artística?**
- 3 – O Clube Unesco de Educação Artística foi fundado em 2008. Qual a necessidade sentida para a sua fundação e quais os objetivos do mesmo?**
- 4 – Que tipos de atividades são desenvolvidas pelo Clube Unesco de Educação Artística?**
- 5 – Qual a sua visão acerca da importância das expressões Artísticas no desenvolvimento geral das crianças e dos jovens?**
- 6 – Depreendo que tenha contacto direto com o meio escolar. Nesse sentido, qual pensa ser a opinião da comunidade educativa (docentes, encarregados de educação e outros) acerca da importância das Expressões Artísticas para o desenvolvimento das crianças e jovens?**
- 7 – No seu entender, a formação inicial de professores é facilitadora da implementação das Expressões Artísticas, em especial na pré e 1º CEB?**
- 8 – Qual a sua opinião sobre o atual currículo de Expressões Artísticas e a sua articulação com as outras áreas curriculares?**
- 9 – Que lhe parece que devia ser alterado?**
- 10 – Desenvolveu, em parceria com a Dra. Eugénia Vasquez o projeto piloto para o 1º ciclo -Educação Artística para um Currículo de Excelência. Qual a necessidade sentida para o desenvolvimento do meso?**

- 11 – A escolha das escolas envolvidas no projeto obedeceu a algum critério específico?**
- 12 – Como foi a reação das escolas, nomeadamente direção, docentes, alunos e encarregados de educação na implementação do mesmo?**
- 13 – Que constrangimentos sentiu7sentiram a quando da sua implementação?**
- 14 – Que contribuição teve a implementação do projeto no desenvolvimento e formação dos agentes educativos?**
- 15 – Tendo em conta os muitos projetos já desenvolvidos nesta área, porque lhe parece continuar a ser tão difícil a implementação articuladas das expressões no currículo?**
- 16 – Como será possível continuar a incentivar práticas facilitadoras das Expressões Artísticas?**